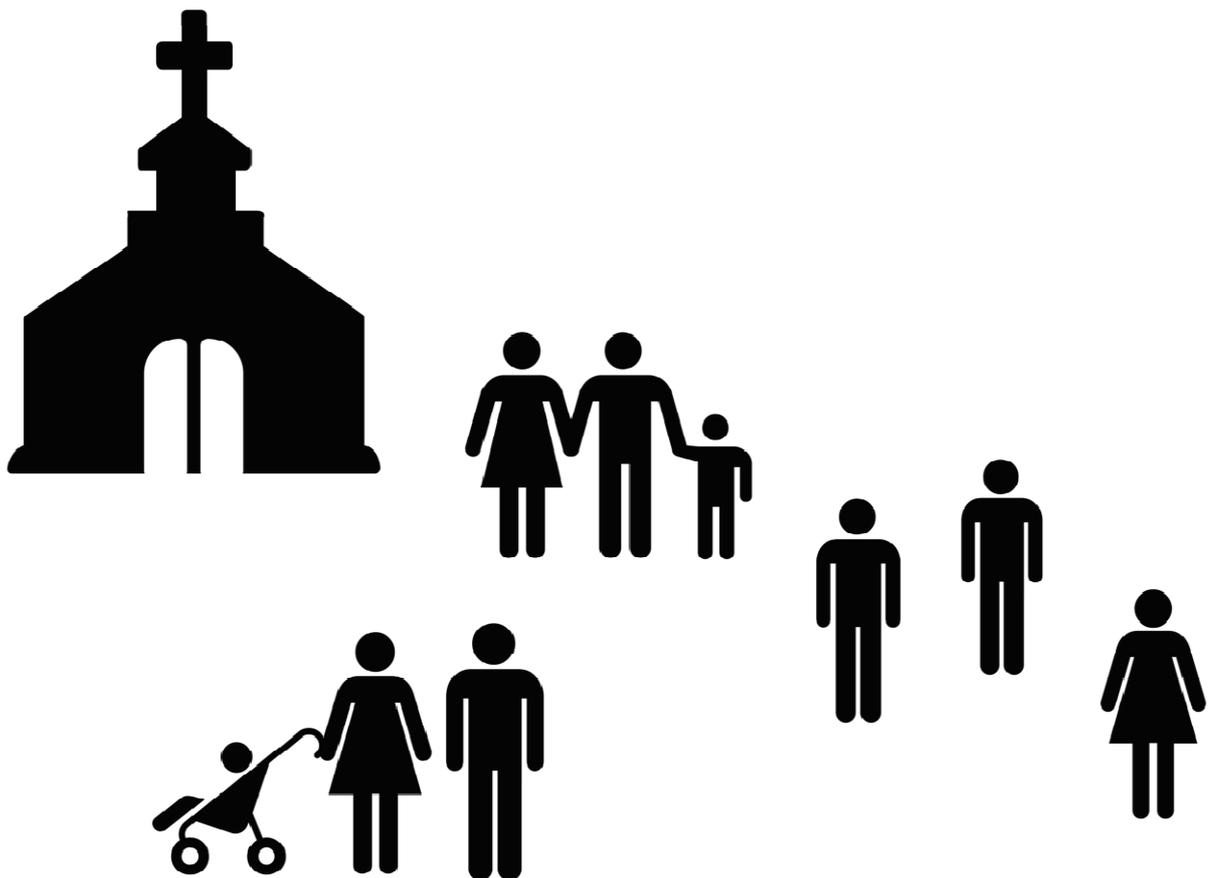


TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

AS CRENÇAS E O JEITO PRESBITERIANO DE ADORAÇÃO



Professores:

Pb. Eber Hávila Rose
Cecília Finotti Nishikawa Almeida

Sumário

Lição 1 – Introdução – O culto público, seu significado e propósito	1
Lição 2 – Como oferecer um culto agradável a Deus	5
Lição 3 – O conteúdo do culto – os elementos e as circunstâncias	11
Lição 4 – O culto no Antigo e Novo testamento: O que mudou? O que permaneceu?	15
Lição 5 – A Palavra e os Sacramentos (Deus fala conosco)	21
Lição 6 – As orações e os cânticos (Nós falamos com Deus)	25
Lição 7 – O culto cristão e a Reforma Protestante: resgatando os princípios	29
Lição 8 – Movimentos e modismos nos cultos evangélicos	33
Lição 9 – Conclusão – aplicação da correta teologia em sua prática de culto	39

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 1 – Introdução – O culto público, seu significado e propósito

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: Mt 4.10; Sl 105.1-5

Deus é a motivação única do nosso culto. Nos cinco primeiros versos do Salmo 105 dez verbos na voz imperativa convocam Israel para a adoração a Deus como resultado da aliança do Senhor com o seu povo.



INTRODUÇÃO

Este curso aborda as questões relacionadas ao culto que agrada a Deus. O culto foi instituído por Ele mesmo e percorre toda a eternidade, do princípio ao fim. Antes da fundação do mundo já havia adoração, Deus nos escolheu antes da fundação do mundo e o seu propósito último era o louvor da Sua Glória. No Éden havia adoração, no período da lei, no período da Graça e até no novo céu e nova terra haverá adoração. O livro do Apocalipse apresenta em diversos cenários e repetidas vezes o louvor e a adoração. O apóstolo Paulo, na sua introdução da carta aos Efésios, cap. 1.1-14, descreve o plano principal de Deus para a salvação no que diz respeito ao passado (a eleição, vs. 3-6a), ao presente (a redenção, vs. 6b-11) e ao futuro (a herança, vs. 12-14). No verso 6 ele diz: “para louvor da glória de sua graça”. No verso 12: “a fim de sermos para louvor da sua glória”. No verso 14: “em louvor da sua glória”. Esta ênfase do apóstolo mostra a importância que Deus dá à adoração ao Seu santo nome.

IDEIA CENTRAL

Deus exige do seu povo que O adore através do culto como uma expressão da aliança que temos com Ele. Deus fala através da Sua Palavra e nós respondemos através das orações, oferendas e louvores. O propósito básico do culto público é a glorificação e adoração do nosso Deus de forma agradável.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: O que é o culto a Deus e porque devemos adorá-Lo.
- Ser: Um crente que tem a consciência de qual culto agrada a Deus.
- Agir: Alegar e exultar diante da majestade e glória de Deus. Dedicar ao Senhor um culto com as mãos limpas, coração puro, vida moral e espiritual sem mácula.

RELIGIOSIDADE

A religião é um fenômeno universal. Ela está presente em todas as culturas antigas e modernas. O termo religião tem sua origem na palavra religar trazendo a ideia de “religar-se com Deus”. As tradições antigas estão envoltas com mitologias envolvendo deuses que se relacionam com os seres humanos. Qual a origem da religião? “Entendemos bíblicamente que o sentimento religioso é próprio do homem por causa da sua natureza comum: criação de Deus. A imagem de Deus no homem é a fonte de seu senso de divindade e de sua ânsia pelo sagrado... o homem busca a religião, tentando encontrar o seu Deus porque o seu ser carece deste encontro!”^[5] No entanto, toda tentativa dos homens de se chegar até Deus é inútil e ineficaz, pois seus delitos e pecados fazem uma separação intransponível para eles. O que se destaca na verdadeira religião, apresentada pela Palavra Sagrada é que Deus veio ao encontro do homem e abriu um caminho possível através do qual, e somente este, existe o verdadeiro religar.

DEFINIÇÃO DE CULTO E LITURGIA

Em Rm 12.1 o apóstolo diz: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” Observamos que culto é muito mais que o ajuntamento do povo de Deus para a adoração. O culto está relacionado também com a vida individual de cada crente. John Frame, na referência [2], apresenta uma definição útil para fazermos esta distinção. Os termos são: “culto no sentido restrito” e “culto no sentido amplo”. O primeiro se refere mais ao ajuntamento do Seu povo, particularmente ao serviço de adoração no tabernáculo e no templo no período do Antigo Testamento. O segundo caracteriza a vida do crente em todos os aspectos. A Bíblia condena veementemente o ajuntamento do Seu povo para a adoração sem que haja uma verdadeira adoração interna e individual. “No Antigo Testamento, Deus condenou o culto formal que não fosse acompanhado de uma preocupação com a compaixão e a justiça (veja Is 1.10-17; Mq 6.6-8; Os 6.6).”^[2]

É de muita utilidade compreendermos os termos em grego e hebraico utilizados para culto. Existem dois grupos principais e palavras para “culto”. O primeiro termo grego, *latreia*, tem o sentido de SERVIR, implica em “cultuar e oferecer atos de adoração, que agradem a Deus”. Ele descreve a entrega que o crente faz de seu próprio corpo para o serviço de Deus (Rm 12.1). O segundo termo do grego *proskuneo* significa “curvar-se ou dobrar os joelhos”, isto é, prestar homenagem, honrar o valor e a dignidade de alguém. Existem outros termos relacionados. A palavra grega *sebein* é traduzida como “reverenciar com temor”. Não é ter medo, mas reverente admiração que atrai. O último termo do grego *leitourgeo* tem a ver com o exercício de nossos dons espirituais, quando dedicamos nosso trabalho ao Senhor, no contexto de nossas igrejas e comunidades. O termo em português

que foi traduzido como liturgia ocorre no Novo Testamento tendo uma relação direta ou indireta com o serviço religioso.

As nossas referências apresentam algumas definições: “Culto é o serviço de reconhecimento e honra à grandeza de Nosso Senhor da Aliança.”^[2] “O culto é a celebração pública e visível da aliança que temos com Deus.”^[4] “Em essência o culto é um encontro de Deus com o seu povo no qual se estabelece um diálogo: Deus fala à igreja por meio de sua Palavra e a Congregação expressa sua adoração ao Senhor mediante as orações, oferendas e hinos.”^[5]

PROPÓSITO BÁSICO DO CULTO PÚBLICO

Considerando os dois principais significados de culto, (1) trabalho ou serviço e (2) curvar-se ou dobrar os joelhos, percebemos que, em primeiro lugar, o culto é algo muito diferente de entretenimento e não devemos ser passivos, mas participantes. Em segundo lugar, devemos honrar a Deus e dedicar todas as partes do culto a Ele, ou seja, o culto não é propriamente para nossa satisfação, mas para a satisfação Dele.

O Culto deve ser centralizado em Deus. Frame^[2] aborda os três aspectos do senhorio existente no pacto de Deus com seu povo: controle, autoridade e presença. Deus é soberano sobre a criação, tudo está debaixo do Seu **controle**. Devemos nos curvar diante deste Deus que tem a absoluta e última **autoridade** sobre todas as coisas. No culto precisamos estar dominados e extasiados por Sua majestade e poder. A Sua Palavra vem sobre nós dotada desta autoridade. No culto, sentimos também a **presença** de Deus. Jesus é o “Emanuel” que quer dizer “Deus Conosco”. Nossa adoração deve refletir isto.

O propósito básico do culto público é a glorificação e adoração do nosso Deus de forma agradável. Jesus disse que Deus procura “verdadeiros adoradores que adoram o Pai em espírito e em verdade” (Jo 4.23). A pergunta número um do breve catecismo: Qual o fim principal do homem? A resposta: O fim principal do homem é glorificar a Deus, e alegrar-se nele para sempre. A genuína glorificação a Deus provoca em nós eterno regozijo. É uma alegria diferente da que o mundo dá. O ensino reformado é sustentado sobre seus pilares que mantêm toda uma base doutrinária. O quinto *sola* apresentado pelos reformadores diz: *Soli Deo Glória*, ou seja, a glória deve ser dada somente ao Senhor. Este último dos *solas* vem coroar toda uma doutrina. Nenhuma glória para o homem, nenhum orgulho podem estar presentes dentro deste ensino. O quinto *sola* é uma consequência natural dos quatro primeiros: A glória é de Deus e a Ele somente. Todas as partes do culto devem estar voltadas para este propósito básico.

Para adorarmos a Deus como Lhe agrada precisamos vê-Lo como Ele é: Soberano, majestoso, sublime, eterno, criador de todas as coisas, Deus trino, nosso Salvador. Ele se

manifesta através do Fruto do Espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. (Gl 5.22,23). “O SENHOR é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno” (Sl103.8).

Se nós perdermos o foco no propósito básico do culto nós certamente nos desviaremos. Vivemos em uma sociedade fortemente influenciada por uma cosmovisão existencialista e humanista que exercem uma pressão muito grande para que o culto volte o seu foco para o homem. Muitas igrejas estão cedendo a esta pressão e prestando um culto formatado para satisfação humana, cheia de entretenimento, buscando agradar o auditório à semelhança do que o mundo oferece.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

O culto deve ser consagrado a Deus, para a Sua glória, conforme a Sua vontade e determinação. O culto foi estabelecido e prescrito por Ele mesmo. Devemos cultuá-Lo da forma como Ele revelou. No culto não cabe os modismos e imaginações humanas.

No culto relembramos e O adoramos por Sua obra redentora em Cristo apresentada no evangelho. Devemos cultuá-Lo em obediência à Sua vontade, em todas as circunstâncias, em santidade de vida e pureza de coração. Devemos dar o nosso melhor no culto, pois Deus zela por ele e dá a maior importância a como o Seu povo o cultua. A Palavra de Deus precisa ter a primazia e centralidade no culto público.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quais os dois conceitos básicos dos termos bíblicos traduzidos como “culto” e de que forma eles nos ajudam a definir culto?
2. Quais as implicações do fato de Deus ser o “Senhor” para o culto?
3. De que forma o culto pode ser, ao mesmo tempo, centrado em Deus e atento às necessidades humanas?
4. O que significa cultuar “em Espírito e em verdade”?

REFERÊNCIAS:

- [1] **A Confissão de Fé de Westminster**. Cultura Cristã, 2003.
- [2] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [3] HUNTER, Todd. **Dê outra chance à igreja: encontrando novo significado nas práticas cristãs**. Viçosa: ULTIMATO, 2012.
- [4] LOPES, Augustus Nicodemus. **O Culto Segundo Deus**. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- [5] COSTA, Hermisten M. P. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 2 – Como oferecer um culto agradável a Deus

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: MI 1.1-4.6; Ex 20. 1-11; Jo 4.19-24

O livro de Malaquias nos mostra vários exemplos de como não cultuar a Deus. Ex 20.1-11 nos revela alguns princípios para oferecermos um culto agradável a Ele.



INTRODUÇÃO

O que precisamos saber para prestar um culto que agrade a Deus?

Em primeiro lugar, precisamos nos conscientizar de quem é Deus e entender corretamente o significado e o propósito do culto. O culto que oferecemos é um reflexo do que pensamos acerca de Deus. Se nossos pensamentos acerca de Deus estiverem equivocados, nosso culto também o será. Para oferecermos um culto aceitável a Ele, precisamos ter o correto entendimento de quem Ele é.

Em segundo lugar, precisamos entender que Deus estabeleceu um padrão de culto aceitável a Ele e determinou os princípios pelos quais Ele deseja ser adorado. Embora Ele tenha nos dado liberdade em uma série de áreas da vida (1Co 8.1-13; Gl 5.13), no tocante ao culto, regulado desde o Antigo Testamento, Deus deixa claro que, se estiver fora do padrão que ele estabeleceu se estiver contaminado por uma atitude que o desagrada, ele não aceita o que lhe é oferecido. [4]

IDEIA CENTRAL

Para que um culto seja agradável e aceitável a Deus, ele precisa estar de acordo com o padrão e os princípios que Ele mesmo estabeleceu e revelou em Sua palavra. Também precisa ser verdadeiro e realizado com uma atitude correta diante de Deus.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: que o culto que agrada a Deus precisa estar de acordo com aquilo que Ele estabeleceu e delimitou por sua própria vontade revelada nas Escrituras.
- Ser: um adorador que adora a Deus em espírito e em verdade, com uma atitude correta diante dele.
- Agir: oferecer a Deus um culto aceitável e agradável a Ele.

POR QUAIS MOTIVOS DEUS PODE NÃO SE AGRADAR DE UM CULTO?

As Escrituras nos mostram vários motivos pelos quais Deus pode não se agradar de uma oferta, um culto ou adoração. Vejamos alguns:

- 1) Quando o culto é oferecido com uma atitude errada:
 - a. Sem fé, sem confiança: Gn 4.1-7; Hb 11.4,6; Ml 3.7-9
 - b. com desprezo, com enfado e sem reverência: Ml 1.6-13; Hb 12.28-29
- 2) Quando há desobediência às suas ordenanças sobre o culto:
 - a. desobedecemos a Deus quando realizamos aquilo que Ele não ordenou: Lv 10.1-3
 - b. desobedecemos a Deus quando acrescentamos ao culto doutrinas e regras de adoração: Mt 15.1-9; Cl 2.8,18-23
- 3) Quando não há fidelidade na pregação da Palavra: Ml 2.7-9
- 4) Quando não oferecemos o nosso melhor para Deus: Gn 4.3-5; Hb 11.4; Ml 1.8,14
- 5) Quando a vida pessoal e espiritual do povo é imoral e incoerente com a adoração a Deus, ou seja, quando há hipocrisia: Is1.10-17; Ml 2.10-16; Mt 5.23-25

PRINCÍPIOS PARA UM CULTO ACEITÁVEL A DEUS (Ex. 20.1-11)

Vimos até aqui o que não agrada a Deus num culto. A partir de agora, veremos o que Deus estabeleceu como padrão de um culto aceitável. Para isso, estudaremos os quatro primeiros mandamentos do Decálogo (Lei Moral de Deus), dos quais podemos extrair os seguintes princípios para o culto público:

O Princípio da Motivação Correta – Por quê adorar a Deus?

“Então falou Deus todas estas palavras: Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.” (Ex. 20.1,2)

Na introdução ao Decálogo, Deus mostra ao seu povo o “por quê” devemos adorá-lo. O motivo correto para prestarmos culto a Deus é porque Ele é o Senhor, porque somos Dele e porque Ele nos libertou do pecado. [6]

Infelizmente, nem sempre é esse o motivo que fazem as igrejas se encherem de gente nos momentos de culto. Muitas pessoas buscam a Deus por interesse próprio, para receberem (e até mesmo exigirem) algo em troca, como cura de enfermidades ou prosperidade. Outras vezes, submetem a adoração às circunstâncias da vida: *“Se tudo vai bem, eu adoro; mas se tudo vai mal, por quê eu vou adorar a Deus?”* Precisamos adorar a Deus independentemente das circunstâncias, motivados não por interesses pessoais, mas porque *“Ele é o Senhor, nosso Deus, que nos libertou!”*

O Princípio da Teocentricidade do Culto – A quem adorar?

“Não terás outros deuses diante de mim.” (Ex. 20.3)

No 1º. Mandamento, Deus requer exclusividade, proibindo tanto a idolatria quanto o politeísmo. É por isso que não cultuamos santos, nem anjos, nem homens. Somente Deus deve ser adorado. [6]

Infelizmente, temos visto muitas igrejas evangélicas promovendo o culto a personalidades. Ficamos surpresos com a voracidade com que líderes evangélicos se auto-atribuem títulos cada vez mais elevados, de “bispos” a “apóstolos”, e agora até “paipóstulo”, tornando-se o centro das atenções no culto. É comum também o uso do momento do culto para realização de “shows” e apresentações, em que louvores e aplausos são dirigidos às pessoas, numa perspectiva totalmente antropocêntrica, longe daquilo que Deus designou como objeto de culto. Precisamos voltar nossas mentes, corações e todos os atos do culto exclusivamente a Deus. Ele deve ser o centro do culto e só Ele deve ser adorado.

O Princípio Regulador do Culto – Como adorar? (1ª. Parte)

“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás nem lhes darás culto.” (Ex. 20.4,5)

No 2º. Mandamento, Deus nos revela como Ele quer ser adorado: conforme sua própria determinação e vontade, e não por meio de imagens ou representações inventadas segundo a imaginação e os desejos humanos. [6] O princípio que podemos extrair desse 2º. Mandamento é o *Princípio Regulador do Culto*, que limita o culto àquilo que é prescrito por Deus: *“só podemos adorar de acordo com o que Deus revelou”*. [8] Esse princípio é um norteador daquilo que podemos ter ou não no culto. Seria uma ofensa e um pecado contra Lição 2 – Como oferecer um culto agradável a Deus

Deus negligenciar o padrão de culto estabelecido por Ele ou, em preferência, adotar um padrão humano de culto. [2] Não podemos inventar maneiras de cultuar a Deus, seja em nome das tradições, da cultura ou das boas intenções. Só podemos fazer no culto aquilo que Deus manda porque é assim que é o culto aceitável a Deus. As partes do culto a Deus e o que devemos fazer nele estão prescritos na Bíblia, e não podemos acrescentar nem tirar nada do que Deus revelou no que diz respeito a como ele deseja ser adorado (Dt 12.32). [4,6]

O Princípio da Adoração em Verdade –Como adorar? (2ª. Parte)

“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.” (Ex. 20.7)

No 3º. Mandamento, Deus proíbe o uso do Seu nome em vão, ou seja, não se deve fazer juramento falso perante Deus, nem fazer uso do Seu nome na falsa adoração. [1] No contexto do culto público, isso significa que não podemos ser hipócritas no cumprimento dos atos religiosos. [6] Deus exige que nos acheguemos a Ele com sinceridade de coração e devoção verdadeira (Sl 15.1,2; Sl 24.3,4; Jo 4.24). Para isso, toda a nossa vida precisa estar coerente com aquilo que ofertamos a Deus nos momentos de culto público. Deus quer nossa vida por inteiro; esse é o sacrifício vivo, santo e que agrada a Deus (Rm 12.1).

O Princípio da exclusividade - Quando adorar?

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (Ex. 20.8)

No 4º. Mandamento, o Senhor nos ordena santificar o “sábado”. Nas Escrituras, “santificar” significa separar algo do uso comum para um uso exclusivo, peculiar. O “Sábado” é santificado quando fazemos um santo repouso de nossas tarefas seculares, bem como de nossos entretenimentos, para dedicarmos todo o tempo desse dia exclusivamente ao culto a Deus, seja pública ou privativamente. [2,5]

A ordenança do “sábado” está baseada tanto na obra da criação (Ex. 20.11; Gn 2.2-3) quanto no livramento de Israel do Egito (Dt 5.12,15), sendo um sinal da Aliança entre Deus e o seu povo (Ex 31.12-17). O “sábado” também indica o descanso final da nossa redenção (Hb 4.1-11) e aponta para Cristo, nosso Criador e Redentor, que traz descanso para o povo de Deus (Mt 11.28,29). [1]

Com a ressurreição de Cristo, que ocorreu no primeiro dia da semana (Mc 16.2,9; Jo 20.1), os primeiros cristãos passaram a adotar o domingo como o dia da observância, como podemos atestar em At 20.7 e 1 Co 16.1,2, e que foi denominado “Dia do Senhor” ou

“Sábado Cristão” para nos manter na memória a ascensão de nosso Redentor crucificado e seu posicionamento à destra de Deus. [2,5]

O “Sábado”, portanto, é um convite para celebrarmos o Deus criador de todas as coisas, meditarmos na bondade e misericórdia do Deus libertador, celebrarmos o Cristo ressurreto e nos deleitarmos com a promessa da nossa redenção final. [5]

É uma prática muito comum em nossos dias ocuparmos o “Dia do Senhor” com uma série de entretenimentos e outras atividades que não se destinam ao culto a Deus. Precisamos resgatar o cumprimento desse mandamento, que é um sinal da nossa aliança com Deus e que Ele ordenou para celebrarmos a nossa redenção e manter viva em nossa memória o descanso final que está reservado aos eleitos.

Vimos, portanto, os princípios do culto a Deus baseados no “por quê”, “a quem”, “como” e “quando” adorar. Não há um princípio permanente determinando “onde” adorar. Jesus ensina em Jo 4.19-24 que Deus quer ser adorado em espírito e isso significa que o culto público não está restrito a um local. Não é o lugar que é santo ou sagrado. O templo do Espírito Santo somos nós (1Co 3.16).

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Resumindo e concluindo... Para oferecermos um culto agradável a Deus:

- 1) Precisamos entender quem Deus é e o que Ele fez por nós: Ele é o Senhor, o nosso Deus (com quem temos uma aliança), que nos libertou.
- 2) A nossa adoração não pode ser motivada por interesses nem limitada pelas circunstâncias.
- 3) O culto precisa ser teocêntrico: somente Deus deve ser adorado.
- 4) Só podemos adorar de acordo com o que Ele revelou: não podemos inventar formas de cultuar a Deus.
- 5) Precisamos nos achegar a Deus com uma atitude correta: pela fé e com reverência.
- 6) Devemos adorá-lo em espírito e em verdade, com devoção verdadeira e sinceridade de coração.
- 7) Precisamos ter uma vida pessoal e espiritual coerente com a adoração.
- 8) Devemos ser fiéis na pregação, no ensino e na interpretação de sua Palavra.
- 9) Devemos oferecer o nosso melhor para Deus: a nossa vida em sua inteireza.
- 10) Devemos guardar o Dia do Senhor como um ato de culto, como sinal da nossa aliança com Ele, para celebrarmos o Deus Criador e Redentor, e nos deleitarmos na Sua promessa de descanso final reservado aos eleitos.

Cumprir todos esses princípios por nossas próprias forças não é possível. Somos todos pecadores e incapazes de por nós mesmos oferecer um culto agradável a Deus. Só podemos adorá-lo em espírito e em verdade, tal como Ele requer de nós, por meio do sangue de Jesus, que nos purifica de todo pecado. Que possamos nos lembrar disso para oferecermos um culto agradável a Deus.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Por quais motivos Deus pode não se agradar de um culto?
2. Quais os princípios de um culto aceitável a Deus?
3. O culto que eu ofereço é agradável a Deus?

REFERÊNCIAS:

- [1] **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- [2] **Confissão de Fé de Westminster comentada por A. A. HODGE**. 1ª Ed. Os Puritanos, 1999.
- [3] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [4] LOPES, Augustus Nicodemus. **O Culto Segundo Deus**. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- [5] COSTA, Hermisten M. P. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- [6] LOPES, Augustus Nicodemus. **Princípios para o Culto Cristão**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9qsZ_OF2NcM
- [7] LOPES, Hernandes Dias. **Os grandes perigos em relação ao culto**. Disponível em: <http://hernandesdiaslopes.com.br/2013/06/os-grandes-perigos-em-relacao-ao-culto/#.VLm5c9LF-So>

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 3 – O conteúdo do culto – os elementos e as circunstâncias

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: II Re 16.10-18; Mt 15.1-9; Is 29.13

O rei Acaz ficou fascinado com o modo da adoração dos povos vizinhos, em Damasco, e o copiou e construiu outro semelhante para ser utilizado em Jerusalém para os sacrifícios regulares. Mas o altar designado por Deus não foi destruído e sim colocado de lado para deliberação posterior (v.15). “Os inovadores com seus lábios reconheciam os elementos de culto designados por Deus e, ao mesmo tempo, no exercício de tal adoração, acabavam anulando o valor de tais elementos. Isso ilustra admiravelmente a sutileza com que as práticas não ordenadas pela Bíblia tendem a substituir o culto designado pelas Escrituras.”^[6]



INTRODUÇÃO

Na lição anterior estudamos sobre como oferecer um culto que agrada a Deus e vimos sobre o Princípio Regulador do culto. Hoje vamos detalhar a aplicação deste Princípio aprendendo sobre os Elementos e Circunstâncias do culto.

IDEIA CENTRAL

“A adoração deve ser acompanhada de reverência, amor, devoção e regozijo em Deus e deve ser fundamentada e regulada de acordo com as Escrituras e os princípios estabelecidos por Ele”^[6]. Desta forma, temos a segurança em não nos desviarmos da vontade do Senhor.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Através da aplicação do Princípio Regulador do Culto definir quais são os elementos e circunstâncias do mesmo.
- Ser: Comprometido em servir ao Senhor no culto da forma como Ele estabeleceu.
- Agir: Se alegrar e regozijar na adoração compreendendo e tendo prazer em participar de cada um dos elementos do culto conforme estabelecidos por Deus.

MOTIVAÇÃO

Quando nos empenhamos em estudar sobre o culto que agrada a Deus e a sua execução propriamente dita, muitas vezes nos questionamos sobre qual a motivação, a razão, a justificativa e benefícios em se aplicar o Princípio Regulador do Culto. Um dos pontos mais importantes do princípio regulador é o fato de que ele nos força a procurar a direção de

Deus para o culto. Somente a Deus pertence a prerrogativa de determinar os termos pelos quais os pecadores se aproximam dEle, em adoração. “Deus zela por seu culto e quer que o adoremos no Espírito e em verdade, com simplicidade e singeleza de coração, sem invenções humanas que impregnam e contaminam o culto.”^[3] Podemos ter a segurança de estar debaixo da vontade do Senhor e não nos desviarmos, pois vivemos em uma cultura contemporânea atraída pelas novidades e fascinada pelo entretenimento. Quando estamos fundamentados exclusivamente na Bíblia, encontraremos uma pureza maior no culto, sem as extravagâncias próprias da imaginação humana.

Os benefícios na aplicação do Princípio Regulador do Culto são facilmente perceptíveis e refletirão na alegria do adorador. Podemos ter a certeza de que aquilo que vem de Deus é bom e não existe nada melhor do que estar debaixo da Sua vontade soberana.

ELEMENTOS DE CULTO

“Do culto público a Deus constam os elementos, que são aquelas atividades determinadas pelas Escrituras nas quais o povo de Deus reunido se engaja com o propósito de adorá-lo (Sl 96.9; 99.9), render-lhe graças e louvor (Sl 100.4; 30.4; 33.2), dar a conhecer as suas petições (Is 56.7; Fl 4.6), edificar-se internamente (Rm 14.19; 1Co 14.3; Ef 4.16), e anunciar o evangelho ao mundo (1Co 14.24,25).”^[5]

Os Elementos de culto são as partes deste, sujeitos ao Princípio Regulador do Culto, ou seja, só pode existir um elemento no culto se ele for ordenado na Bíblia. “Elementos são atividades no culto determinadas pelas Escrituras. As igrejas cristãs devem estar empenhadas em sempre reformar seus cultos, em busca da simplicidade bíblica, em vez de se empenhar para adicionar elementos e formas de culto estranhos à Palavra de Deus em nome da modernidade, contextualização e agradar os homens.”^[4]

Uma vez conscientizados da necessidade de utilização do Princípio Regulador do Culto resta-nos debruçar no estudo da Palavra buscando a sua orientação. Neste sentido, observamos uma diferença acentuada quando tratamos do culto no templo do Antigo Testamento e o culto da igreja no Novo Testamento como pode ser vista na tabela abaixo.

ANTIGO TESTAMENTO	NOVO TESTAMENTO
Rico manual de procedimentos cúlticos	Princípios gerais de adoração
Repleto de tipos, símbolos e figuras	Dois símbolos: o Batismo e a Ceia do Senhor
Alcança o adorador por meio dos olhos	Apela diretamente ao coração e a consciência
Escritos de Moisés indicam os itens de sua adoração	Alguns textos e passagens isolados

A carta pastoral da IPB^[5] apresenta uma lista dos Elementos de Culto conforme encontrados na Palavra de Deus:

1. Orações
2. Leitura da Palavra de Deus
3. Pregação da Palavra de Deus
4. Cantar salmos, hinos e cânticos espirituais ou sagrados
5. Celebração da ceia (quando houver)
6. Ministração do batismo (quando houver)
7. Juramentos religiosos
8. Votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais

CIRCUNSTÂNCIAS

A Confissão de Fé de Westminster diz no item I.VI: “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na palavra, e que há algumas **circunstâncias**, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comum às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da palavra, que sempre devem ser observadas.”^[1]

“Tais circunstâncias estão relacionadas com o ambiente de culto, e envolvem decisões quanto à amplificação do som, uso de mídia, arrumação do salão, mobiliário adequado e sua disposição no local, a iluminação e decoração do ambiente, entre outros. Outras, relacionadas com o culto propriamente dito, tais como o horário do culto, a sua ordem (sequência), o acompanhamento do louvor com instrumentos musicais, o cântico através de coros e grupos de louvor.”^[4]

“O que diferencia estas circunstâncias dos elementos do culto é que os elementos são parte essencial do culto a Deus e foram por Ele prescritos em Sua Palavra, sendo meios pelos quais recebemos a Sua graça e lhe prestamos adoração e louvor. As circunstâncias, por sua vez, dizem respeito aos passos envolvidos na implementação e aplicação dos elementos – são dependentes destes. Destarte, as circunstâncias não se referem às partes do culto e nem são meios de graça, podendo ou não estar presentes. A presença das circunstâncias não torna um culto mais ou menos espiritual ou aceitável a Deus.”^[4]

Alguns pontos são controversos e podem receber diferentes interpretações. Dentre estes pontos a Carta Pastoral e Teológica sobre Liturgia na IPB^[5] trata das expressões corporais

no culto. Encontram-se referências relacionadas a levantar as mãos (1Tm 2.8) e ajoelhar-se (At 20.36). As danças são mencionadas mais de 25 vezes nas Escrituras, em contextos de festa popular, vitórias militares, expressão de exultação religiosa e de festividades pagãs. Note-se que ocorrências não se referem a danças no contexto do culto oferecido a Deus, quer no AT ou no NT. No que tange às danças litúrgicas, não é possível demonstrar pelas Escrituras que elas faziam parte do culto público a Deus, quer no período do AT ou do NT e nem que as mesmas são elementos do culto por Ele ordenado.

Os outros pontos citados na carta se referem a “fortes expressões corporais”, palmas e aplausos.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

A aplicação do Princípio Regulador do Culto leva-nos à confiável posição de estarmos debaixo da vontade do Senhor. Por este princípio aprendemos das Escrituras que Deus estabeleceu os elementos através dos quais Ele quer ser adorado no culto público. Mas para o bom andamento do culto existem circunstâncias que dizem respeito aos passos envolvidos na implementação e aplicação dos elementos e são dependentes destes.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Cite exemplos de cultos que você conhece utilizando outras atividades durante as celebrações que não são elementos de culto e nem podem ser classificados como circunstâncias.
2. Qual tem sido o seu prazer na participação de cada um dos elementos do culto?
3. Existem algumas práticas atuais bastante controversas e aplicadas na igreja atual. Qual a inconveniência nestas atitudes?

REFERÊNCIAS:

- [1] **A Confissão de Fé de Westminster**. Cultura Cristã, 2003.
- [2] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [3] LOPES, Augustus Nicodemus. **O Culto Segundo Deus**. 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- [4] LOPES, Augustus Nicodemus. **Elementos e Circunstâncias**. Blog Temporares.blogspot.com.br
- [5] Igreja Presbiteriana do Brasil. Comissão Especial sobre liturgia. **Carta Pastoral e Teológica sobre Liturgia na IPB**. Belo Horizonte, MG, 11 de julho de 2010.
- [6] Matthew McMahon. **O Princípio Regulador do Culto**. Revista Fé para Hoje. Versão Online Número 7, Ano 2000. http://www.editorafiel.com.br/alt_default.asp

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 4 – O culto no Antigo e Novo testamento: O que mudou? O que permaneceu?

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: Hb 10.1-18

Esse texto resume praticamente toda a lição: ele nos revela que os sacrifícios antigos eram humanos, ineficazes e transitórios, mas a expiação feita por Cristo é divina, eficaz e permanente. Tudo o que era simbólico e representativo no culto do Antigo Testamento foi cumprido em Cristo, e por isso o culto no Novo Testamento não mais segue os mesmos preceitos, embora guarde os mesmos princípios.



INTRODUÇÃO

Como o povo adorava a Deus no Antigo Testamento e qual o propósito das leis cerimoniais? O que mudou no Novo Testamento e por quê? O que tudo isso tem a ver com o culto que eu ofereço a Deus? Essas e outras questões é o que veremos neste curso.

IDEIA CENTRAL

No Antigo Testamento, o culto apontava para Cristo. No Novo Testamento, o culto se centraliza Nele. Ele é o Senhor, o Mediador único e definitivo da aliança selada entre Deus e o seu povo, o Sumo Sacerdote cujo sacrifício foi único, perfeito e eficaz para expiar nossos pecados de uma vez por todas e nos reconciliar com Deus. A pessoa de Jesus Cristo é o elo que une os dois Testamentos. Jesus Cristo é o fundamento da verdadeira adoração.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: que Jesus é o centro do culto tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.
- Ser: um uma pessoa consciente de que Jesus Cristo é o fundamento da verdadeira adoração.
- Agir: oferecer a Deus um culto cristocêntrico.

O CULTO NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento havia um modelo muito bem definido de culto, estritamente regulado por Deus e revelado ao povo da antiga aliança por intermédio de Moisés. Os livros de Êxodo, Levíticos, Números e Deuteronômio descrevem com detalhes as normas para o cumprimento dos serviços sagrados e também dão instruções a respeito de como deveria ser o local de adoração. Todo esse rigor tinha um propósito: apontar para Cristo. Nesse sentido, veremos que muitos dos elementos de culto no Antigo Testamento eram simbólicos, representativos e transitórios, já que seriam cumpridos em Cristo, devendo cessar após a vinda dele.

O local da adoração

Deus resolveu habitar no meio do seu povo e ordenou a Moisés que construísse um tabernáculo conforme o modelo a ele relevado (Ex 25.8-9). Esse santuário continha uma simbologia rica para o povo da antiga aliança, com relevância também para nós hoje. Ele representava a habitação de Deus no meio do seu povo e prefigurava a pessoa de Cristo. Cada detalhe de sua estrutura também apontava para Cristo, conforme podemos conferir na tabela abaixo:

Tabela 1: Tabernáculo – as partes, os utensílios e seus significados

PARTES	UTENSÍLIOS	DESCRIÇÃO	SIGNIFICADO
ÁTRIO: Local de acesso a todos os adoradores	Altar de bronze	Destinado ao sacrifício de animais	Representa o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário, que foi julgado em nosso lugar, em nosso favor. [4]
	Bacia de bronze	Bacia com água para a purificação dos sacerdotes	Aponta para Cristo como o sacerdote perfeitamente puro, sem mácula, e que purifica seu povo. [2]
LUGAR SANTO: Local de acesso restrito aos sacerdotes	Mesa dos pães da proposição	Mesa contendo 12 pães para serem comidos diariamente pelos sacerdotes	Tal como a Ceia do Senhor, é um símbolo de Cristo, o pão vivo que desceu do céu, que nos alimenta e nos dá comunhão com Deus. [4]
	Altar do incenso	Altar destinado à queima de incenso, que exalava um aroma agradável a Deus	Aponta para Jesus como o sacerdote cujas orações por seu povo constantemente ascendem ao trono do Pai [2]. O incenso representa a oração e os louvores. [5]
	Candelabro de ouro	Suas lâmpadas, constantemente acesas, iluminavam o Lugar Santo	Aponta para Cristo como a luz do mundo. [1]
LUGAR SANTÍSSIMO: Local de acesso exclusivo ao sumo sacerdote (1x/ano)	Arca da aliança	<p>Utensílio mais sagrado do tabernáculo.</p> <p>Sobre sua tampa, o propiciatório (“tampa da expiação”), era aspergido o sangue do sacrifício no Dia da Expiação.</p> <p>Continha 3 objetos: as tábuas da Lei; o vaso com maná; e a vara de Arão</p>	A arca simboliza Cristo [4]. O propiciatório significava um lugar onde partes em inimidade se reconciliavam; o sangue sobre ele representa o sangue de Cristo, eficaz para a expiação dos pecados do seu povo em todas as épocas, reconciliando-o com Deus [1]. O vaso com maná simboliza Jesus, o verdadeiro pão, o pão vivo que desceu do céu [2,4]. As tábuas da Lei apontam para Cristo como a Palavra de Deus, o Verbo que se fez carne [2,4]. A vara de Arão que estava seca e depois floresceu, arrebetando em várias amêndoas, simboliza Jesus, que morreu, mas depois ressuscitou, subindo aos céus como o primogênito de Deus, o primeiro entre muitos que se tornaram filhos de Deus por meio Dele. [4]

Principais características do culto no Antigo Testamento

Vimos até aqui como era o tabernáculo e toda a mensagem contida nele. Veremos a partir de agora, as principais características do culto no Antigo Testamento.

MODELO DE CULTO DO ANTIGO TESTAMENTO – PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O SÁBADO: Deveria ser observado como memorial da criação (Gn 2.3; Ex 20.8-11) e da redenção (Dt 5.12-15), e também como sinal da aliança de Deus com o seu povo (Ex 31.12-17). A guarda do sábado era caracterizada pela suspensão do trabalho, apresentação de ofertas sacrificiais e santa convocação (Lv 23.23). [1,2]

OS SACRIFÍCIOS REGULARES: Envolviam ofertas diárias, semanais, mensais e anuais (Nm 28 – 29). Essas ofertas poderiam ser animais domésticos selecionados, cereais, azeite ou vinho. [2] Todos esses produtos simbolizavam o adorador israelita que, através dos atos de sacrifício, dava-se de volta a Deus de alguma maneira. Em cada sacrifício animal, o adorador colocava a sua mão sobre a cabeça da vítima, identificando-se desta forma com o animal, como que dizendo: “*Este animal me representa*”. Os sacrifícios de animais envolviam a sua morte e, por isso, revestiam-se de um simbolismo expiatório: o animal que morria no lugar do adorador pecaminoso representava a redenção da morte que este merecia. [1] Havia vários tipos de sacrifícios, cada um com suas particularidades (Lv 1.1-6.7): *holocaustos, ofertas de manjares (ou de cereais), sacrifícios pacíficos (ofertas da comunhão ou da aliança), ofertas pelo pecado e ofertas pela culpa.*

AS FESTAS ANUAIS (Ex. 23-14-19; Lv 23.1-44; Nm 28-29; Dt 15.16-17): Eram santas convocações, celebradas anualmente pelo povo de Israel. Nessas festas, o povo se reunia no santuário, oferecia sacrifícios, buscava e agradecia a generosidade, a reconciliação e a comunhão com Deus e comiam e bebiam juntos como expressão de sua alegria. As 3 festas principais eram: a *Páscoa* e a *Festa dos Pães Asmos*, que comemoravam o êxodo, a libertação do povo de Israel e sua saída do Egito; a *Festa de Pentecostes*, celebrado no “*Quinquagésimo Dia*” depois do sábado da semana da Páscoa e que comemorava os primeiros frutos da colheita; e a *Festa dos Tabernáculos*, em que durante 7 dias os israelitas deveriam habitar em tendas (daí também o nome “*Festa das Tendas*”), lembrando ao povo como Deus o tinha conduzido pelo deserto. [1,2]

O DIA DA EXPIAÇÃO (Lv 16.1-34): Era o dia mais santo do calendário judaico, o dia em que uma expiação anual pelos pecados da nação era feita. Envolvia o oferecimento de vários sacrifícios, a entrada do sumo sacerdote no Lugar Santíssimo e o envio de um bode para o deserto, levando sobre si, simbolicamente, os pecados do povo. A entrada do sumo sacerdote no Santo dos Santos apenas uma vez por ano indica a profundidade da expiação que era feita. O bode emissário é considerado um tipo de Cristo (Cristo foi morto fora das muralhas de Jerusalém, indicando que ele fora enviado para “fora do acampamento”, tal como o bode emissário). [1]

Obs: Embora o tabernáculo e o templo fossem dedicados especialmente ao culto sacrificial, também eram lugares de oração (1 Rs 8.22-53; Is 56.7; At 3.1), de prestar juramentos (1 Rs 8.22-53), de cantar louvores (1 Cr 15.16-24; 25.1-8), de entregar os dízimos (Lv 27.30; Dt 14.22), de ler as Escrituras (2 Rs 23.1-3; 2 Cr 34.29-31) e de ensinar a lei do Senhor (Dt 31.9-13; Mt 26.55; Lc 2.41-52; At 5.21). [2]

CRISTO CUMPRE O CULTO DO ANTIGO TESTAMENTO

Quando Cristo morreu por nós, derramando seu sangue na cruz do Calvário, Ele não apenas cumpriu as leis cerimoniais do Antigo Testamento, mas o fez de maneira superior e excelente: Jesus é o Sumo Sacerdote único, santo e perfeito, que não tem necessidade de oferecer sacrifícios diários, mas fez isso uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu como o derradeiro holocausto (Hb 7.26-28); Jesus é ele mesmo o sacrifício final e cabal pelo pecado e, portanto, põe um término nas ofertas de bois e cabritos (Hb 10.1-18); Jesus é também o “Senhor do sábado” (Mt 12.8) e o ponto central das festas anuais. Ele é o cordeiro pascal (Jo 1.29; 1 Co 5.7), que nos libertou da escravidão do pecado ao morrer por nós na cruz. É Cristo quem envia seu Espírito no Pentecostes, conferindo poder à igreja (At 2.1-4). É Ele quem cumpre o Dia da Expição ao apresentar seu sangue a Deus no Santo dos Santos (Hb 9.12). É Ele quem personifica a Festa dos Tabernáculos, ao habitar (tabernacular) para sempre com seu povo (Jo 1.14). [1,2]

O CULTO NO NOVO TESTAMENTO

Desde o florescimento da igreja neotestamentária, houve a consciência de que o todo o sistema mosaico para remover pecados fora superado e abolido pelo sacerdócio, sacrifício e intercessão de Cristo (Hb 7 – 10). [3] Dessa forma, no culto do Novo Testamento:

- não há mais sacrifícios, pois o Senhor Jesus ofereceu de uma vez um sacrifício completo, que não precisa ser renovado e repetido;
- o calendário judaico de festas não se aplica mais (Cl 2.16,17);
- não temos mais sacerdotes e levitas; os cristãos, todos eles, têm livre acesso ao Pai, são sacerdócio santo (1 Pe 2.5), pois o sangue de Jesus abriu o caminho para o santuário celestial (Hb 6.19; 9.3; 10.19,20; Mt 27.51);
- a queima de incenso é substituída pelo louvor e orações que procedem dos nossos lábios e sobem até Deus como aroma suave;
- a circuncisão (Gl 2.3-5; 6.12-16) e a Páscoa (1 Co 5.7-8) são substituídas pelo Batismo (Mt 28.19) e pela Ceia do Senhor (Mt 26.26-29; 1 Co 11.23-26);
- o sábado foi renovado com a mudança do sétimo dia para o primeiro dia da semana, que foi designado “Sábado Cristão” ou “Dia do Senhor”, para celebrar o dia em que Jesus ressuscitou dentre os mortos (Jo 20.1,19; At 20.7; 1 Co 16; Ap 1.10);
- o templo, que antes era santo e sagrado, agora é a igreja de Cristo (1 Co 3.16), a comunidade dos eleitos de Deus, que se reúne e adora em qualquer lugar. [1,5]

Se Cristo cumpriu o culto do Antigo Testamento, como deveria ser o culto a partir de então? Embora o Novo Testamento não apresente um conjunto de leis para regular o culto

Lição 4 – Elementos de culto no Antigo e Novo Testamento: o que mudou? o que permaneceu? 18

público, podemos constatar em suas páginas pelo menos três características a respeito do culto cristão:

Uma forma própria de adoração. Os primeiros cristãos buscaram nas sinagogas judaicas, instituição onde cresceram o Senhor Jesus e todos os apóstolos, o formato para um culto mais simples e despojado [5]. Na liturgia das sinagogas, composta por orações, louvor e instrução, encontraram ricos elementos que foram usados, adaptados e transformados, de acordo com uma visão nova, fruto da fé cristã. Dessa forma, no Novo Testamento, observamos uma forma própria de adoração (At 2.42), com os seguintes elementos de culto, ainda que não necessariamente juntos: leitura e exposição das Escrituras (At 15.30-31; 2 Tm 4.1,2); orações de gratidão, intercessão e súplica (At 2.42; 4.23-31; 1 Co 14.16; 1 Tm 2.1); cânticos (Cl 3.16); celebração da Santa Ceia (1 Co 10.16); ofertas (Lc 21.1-4; 1 Co 16.1-2; 2 Co 9.7, 12-13); e batismo (At 18.8). [3]

Ênfase nos princípios espirituais. A ênfase que o Novo Testamento dá ao culto, seja pelo ensino de Cristo ou dos apóstolos, está muito mais na atitude, no coração e na vida do adorador. No sermão do monte, Jesus ensina que nossas orações e jejuns não devem ser feitos com hipocrisia ou para impressionar, mas com devoção verdadeira e sinceridade de coração (Mt 6.5-8,16-18). Jesus reforça esse princípio ensinando à mulher samaritana que a adoração deve ser em espírito e em verdade (Jo 4.19-24). [5] Aos escribas e fariseus, Jesus disse que de nada valia dar o dízimo se estavam negligenciando os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé (Mt 23.23). Em vários momentos, Jesus enfatiza o amor ao Senhor e ao próximo como característica essencial dos verdadeiros adoradores (Mt 22.34-40). Em suma, o verdadeiro culto a Deus exige a entrega de nossa vida por completo, em sua totalidade (Rm 12.1).

A centralidade de Cristo. Esse é o fato mais importante da adoração no Novo Testamento. É por causa de Cristo que nos reunimos (Mt 18.20). É em nome de Jesus que nós oramos e Ele promete responder-nos (Jo 14.13; 15.16; 16.23-24; 1 Jo 5.13-15). É por meio de Jesus que oferecemos sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome (Hb 13.15; Fp 2.9-11). Ele é a razão de celebrarmos o batismo (At 2.38; 18.8; Gl 3.27) e a Santa Ceia (1 Co 11.23-26). Ele é o ponto central da pregação da Palavra e de toda a mensagem apostólica (At 4.1,2; 8.5; 17.16-18; 18,5; Rm 10.17; 1 Co 15.1-4,12; 1 Tm 2.5-7). Em suma, tudo o que fazemos no culto deve ser feito em nome do Senhor Jesus (Cl 3.17). Ele é o fundamento da verdadeira adoração. [3]

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Se no Antigo Testamento, o culto apontava para Cristo, no Novo Testamento, o culto se centraliza Nele. As mudanças do velho para o novo revelam que a pessoa de Jesus Cristo é o elo que une os dois Testamentos. Ele é o Senhor, o Mediador único e definitivo da aliança selada entre Deus e o seu povo e o fundamento da verdadeira adoração. Portanto, que o Senhor Jesus seja o centro e a razão do nosso culto!

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como era o culto no Antigo Testamento e qual a razão de ser tão estritamente regulado?
2. O que mudou no culto do Antigo para o Novo Testamento e por quê?
3. Quais as principais características do culto cristão?
4. Jesus Cristo tem sido o centro da nossa adoração?

REFERÊNCIAS:

- [1] **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- [2] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [3] COSTA, Hermisten M. P. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- [4] LOPES, Hernandes Dias. **Tabernáculo**. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pmtbRtckDwk>
- [5] LOPES, Augustus Nicodemus. **O tabernáculo da antiga aliança e seu fim**. Vídeo disponível em: <http://www.ipsantoamaro.com.br/pregacao/530-o-tabernaculo-da-antiga-alianca-e-seu-fim.htm>

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 5 – A Palavra e os Sacramentos (Deus fala conosco)

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: MI 2.1-9

Malaquias dá grande importância ao tema da Aliança. Ele levanta sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haverem desvirtuado o culto do Senhor. O enfoque neste texto é para os sacerdotes.



INTRODUÇÃO

Nos capítulos anteriores de Malaquias vemos que Deus disse ao povo que o amava e eles duvidaram perguntando: “Em que o Senhor nos amou?” A resposta de Deus foi que seu amor se manifestou na escolha soberana que fizera de Jacó. “O amor dele pelo seu povo não deveria ser medido pelas bênçãos materiais e prosperidade auferida, mas pelo fato de ser o povo escolhido que Deus havia chamado para si e porque não faria parte daqueles contra quem Deus está irado para sempre.”^[3] Na segunda mensagem condenando a atitude de desprezo pelo culto quando traziam animais defeituosos e inadequados para as ofertas. Na mensagem deste texto Deus anuncia o castigo aos sacerdotes, os pastores do povo de Deus no Antigo Testamento. A denúncia era de que os pastores não estavam pregando a Palavra de Deus com fidelidade.

IDEIA CENTRAL

Deus atribui um grande valor ao ajuntamento solene do Seu povo para O adorar. O ponto central no culto público é a leitura e pregação da Palavra de Deus, que precisa ser cristocêntrica, fiel aos Seus ensinamentos, inspirada pelo Espírito Santo, e os seus pregadores apresentem vida moral e espiritual exemplares. Os sacramentos são sinais e selos da aliança da graça entre Deus e o crente.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: A importância da pregação no culto público e como ela precisa ser ministrada.
- Ser: Um crente que honra e valoriza este momento do culto.
- Agir: Se aproveitar deste momento do culto para edificação da sua vida espiritual.

CULTUAR A DEUS EXIGE FIDELIDADE NA PREGAÇÃO DA PALAVRA

Este último livro do AT foi escrito quatrocentos anos A.C. Aqui percebemos o declínio da função sacerdotal. A história nos mostra que 150 anos A.C. os gregos tentaram impor a helenização do mundo inclusive Israel que se revoltou, conhecido como Revolta dos Macabeus. A partir daí surgiram os fariseus. Quando os romanos dominaram o mundo concederam certa liberdade aos judeus. O espírito de ociosidade e indiferença no período de Malaquias se transforma zelo extremado chegando até mesmo a ir além da Palavra de Deus. No AT a função dos sacerdotes levíticos resumia-se basicamente a três tarefas.

Primeira Tarefa: Oferecer o sacrifício de acordo com a Lei.

Segunda Tarefa: Guardar o templo e zelar por ele.

Terceira Tarefa: Instruir o povo na Lei de Deus e liderá-lo no louvor a ele, o que incluía cânticos e o uso de instrumentos musicais. Quando os sacerdotes eram infiéis, o culto em Israel se corrompia.

1. Deus chama os sacerdotes ao arrependimento – MI 2.1-3

“Eles deveriam ouvir e se propor de coração a honrar o nome de Deus, algo que não estavam fazendo. Tinham de executar suas funções com zelo, segundo o que lhes era ordenado, respeitar o nome de Deus e falar dele o que era reto.”^[3] Existe uma forte tendência de o povo seguir o exemplo de seus líderes.

Primeira Ameaça: Deus enviaria sobre eles a maldição pactual (2.2). Dt 28 apresentam as bênçãos da obediência e os castigos da desobediência.

Segunda Ameaça: Deus transformaria em maldição as bênçãos com as quais os sacerdotes abençoavam o povo (2.2).

Terceira Ameaça: Deus afirma que eles já estavam amaldiçoados (2.2). O povo já sofria as consequências.

Quarta Ameaça: Deus reprovava a descendência dos sacerdotes (2.3).

Quinta Ameaça: Deus iria desprezá-los publicamente (2.3).

Esta rejeição apontava para a necessidade de um sacerdócio superior. Em Hb 7.1-28 nos diz que Deus rejeitou o sacerdócio levítico e estabeleceu um novo sacerdócio que foi concretizado, de uma vez para sempre, em Jesus.

2. Deus recorda a aliança com Levi – MI 2.4-7

Alguns vêem na expressão “aliança... de paz” uma alusão à aliança com Finéias mencionado em Nm 25.10-13. “O sacerdote teve zelo pelo culto a Deus, pela pureza do povo de Deus, era o tipo de ministro que ele desejava.” Ele temia e tremia por causa do nome de Deus (2.5). Ele trazia em sua boca a verdadeira instrução (2.6). Ele agia com santidade e piedade (2.6). (4) Ele era diligente em seu ministério (2.6). O verdadeiro

ministério dos sacerdotes é apresentado em 2.7. O apóstolo Paulo via com clareza esta sua responsabilidade (I Co 9.16, 19-23).

3. Deus anuncia o castigo – MI 2.8,9

Muitos tropeçavam pelo caminho por causa da instrução incorreta dos sacerdotes. Eles não estavam pregando a Palavra de Deus como deviam. A consequência da infidelidade dos sacerdotes foi se tornarem desprezíveis e indignos diante do povo.

TIPOS DE PREGAÇÃO

Temática: Os sermões tópicos ou temáticos são aqueles cujo tema deriva do texto que se estará pregando, mas os argumentos são extraídos de outros textos bíblicos que podem ser encontrados no próprio documento ou em outros livros bíblicos.^[4]

Textual: Os sermões textuais são aqueles cujo tema e argumentos derivam do texto bíblico. Os sermões textuais usam pequenas passagens bíblicas e as exploram. Geralmente os sermões textuais utilizam até três versículos de um determinado texto.^[4]

Expositiva: Os sermões expositivos são aqueles cujo tema e argumentos derivam do texto bíblico. A diferença entre o textual e o expositivo diz respeito à quantidade de versículos utilizados. Geralmente, utiliza-se uma perícopes inteira para explorá-lo por completo nos sermões expositivos. Pode-se utilizar este método para expor livros e cartas das Escrituras. É um método que procura extrair o máximo possível das Escrituras ou do texto em particular que se quer pregar.^[4] Tem sido pouco utilizada pelos pregadores. Talvez pelo fato de que este método é o que mais exige em termos de conhecimento teológico, bíblico e textual por parte do pregador.

Segundo Blackwood, as vantagens do uso deste método estão em honrar as Escrituras, seguir a mais nobre tradição da igreja, alimentar o povo pela pura e eficaz Palavra de Deus e fazer com que o pregador cresça ano após ano.

OS SACRAMENTOS

“Segundo a teologia reformada, os sacramentos são sinais e selos da aliança da graça entre Deus e o crente. Quer dizer que simbolizam nossa salvação e nos garantem esta redenção em Cristo. O batismo simboliza a purificação dos pecados, e a Santa Ceia proclama a morte do Senhor até que ele venha (1Co 11.26).”[2] Eles são “palavras visíveis”.

Batismo: “O batismo é um sacramento do Novo Testamento, instituído por Jesus Cristo, não só para solenemente admitir na Igreja a pessoa batizada, mas também para servir-lhe de sinal e selo do pacto da graça, de sua união com Cristo, da regeneração, da remissão dos pecados e também da sua consagração a Deus por Jesus Cristo a fim de andar em

novidade de vida. Este sacramento, segundo a ordenação de Cristo, há de continuar em sua Igreja até ao fim do mundo.”^[1]

Ceia do Senhor: “Na noite em que foi traído, nosso Senhor Jesus instituiu o sacramento do seu corpo e sangue, chamado Ceia do Senhor, para ser observado em sua Igreja até ao Fim do mundo, a fim de lembrar perpetuamente o sacrifício que em sua morte Ele fez de si mesmo; selar aos verdadeiros crentes os benefícios provenientes desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele e a sua obrigação de cumprir todos os seus deveres para com Ele; e ser um vínculo e penhor da sua comunhão com Ele e de uns com os outros, como membros do seu corpo místico.”^[1]

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

- 1) Deus zela por Seu culto. Ele dá a maior importância a como o seu povo o cultua. Através do culto podemos conhecer o “DNA” de uma igreja, a sua teologia, as suas convicções, a sua vida e maturidade espiritual. Tudo converge para o culto. E se Deus dá tanto valor ao culto nós não podemos menosprezá-lo.
- 2) Outro ponto que aprendemos deste estudo é a Centralidade da Palavra de Deus. Esta é a principal tarefa do pastor, a instrução das ovelhas no caminho do Senhor através dos ensinamentos bíblicos. Por isto a igreja Reformada dá tanto valor a este elemento de culto e por isso podemos dizer, com fundamentação bíblica, que o centro do nosso culto é a pregação da Palavra de Deus.
- 3) A comunidade evangélica, os membros das igrejas não deveriam permitir que líderes descomprometidos com a Palavra, que se desviam dos caminhos de Deus, quer sejam pastores ou presbíteros, continuem a exercer suas funções. Isto certamente exigiria dos mesmos uma séria reflexão sobre este grande princípio para a liderança cristã.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Cite exemplos de atividades na igreja que vêm substituindo a pregação da Palavra.
2. Porque tantas vezes consideramos de forma trivial e negligente o momento da pregação da Palavra de Deus? Como podemos evitar isto?
3. Quais os benefícios da pregação expositiva.

REFERÊNCIAS:

- [1] **A Confissão de Fé de Westminster.** Cultura Cristã, 2003.
- [2] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [3] LOPES, Augustus Nicodemus. **O Culto Segundo Deus.** 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- [4] Carvalho, Reginaldo Corrêa de. **Apostila de Homilética.** FACULDADE TEOLÓGICA CRISTÃ DO BRASIL. Brasília, 2005.

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 6 – As orações e os cânticos (Nós falamos com Deus)

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: 1 Co 14:13-19; Cl 3.16-17; Ef 5. 18-21

Esses textos das Escrituras nos instruem a orar e a cantar louvores a Deus de um modo que leva em consideração tanto a nossa relação com Ele quanto também a nossa relação uns com os outros, para a glória de Deus e também para a edificação da igreja.



INTRODUÇÃO

Na lição anterior, vimos que Deus fala conosco através de Sua Palavra e que ela deve ser o elemento central no culto público. Nesta lição, abordaremos como nós devemos falar com Deus por meio das orações e dos cânticos, levando em consideração que quando estamos reunidos em comunidade esses elementos de culto devem ter como propósito, além da glória de Deus, a edificação da igreja.

IDEIA CENTRAL

A glorificação de Deus é o propósito principal das orações e dos cânticos, assim como de todos os demais atos do culto público, mas a edificação da igreja também deve ser levada em consideração.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: que no contexto do culto público, as orações e os cânticos devem ser dirigidos a Deus com o propósito principal de glorificá-lo, mas também devem servir para a edificação da igreja.
- Ser: um adorador consciente dos propósitos das orações e cânticos no culto público.
- Agir: orar e cantar louvores que glorificam a Deus, buscando também a edificação da igreja.

A ORAÇÃO

Deus nos criou e nos redimiu para termos comunhão com Ele, e a oração é fundamental no nosso relacionamento com Deus, sendo parte essencial do culto religioso. Por meio da oração, expressamos adoração e louvor; confessamos nossos pecados e pedimos perdão; damos graças pela bondade de Deus; e fazemos petições por nós mesmos e pelos outros (súplica e intercessão). [1]

Para que a oração seja aceitável a Deus e para que ela seja eficaz, ela deve seguir alguns princípios:

1. **A oração deve ser oferecida através da mediação de Cristo.** [2] Quando nos aproximamos de Deus em oração, é necessário recordar e honrar o sacrifício de Cristo na cruz por nós, pecadores, como única base por meio da qual temos acesso ao Pai. [3] Só podemos nos aproximar do Pai pelos méritos de Cristo, o nosso Advogado, que faz intercessão *por* nós no céu (1 Jo 2.1; Rm 8.34). [2]
2. **A oração deve ser feita com o auxílio do Espírito Santo.** A Bíblia também nos ensina que devemos orar com o auxílio do Espírito Santo, o nosso Consolador, que nos assiste em nossa fraqueza, intercedendo por nós com gemidos inexprimíveis, fazendo pedidos que o Pai certamente responderá porque é segundo a vontade de Deus que ele intercede pelos santos (Rm 8.26-27). [1,2] Ele também faz intercessão *em* nós, compondo nossas orações e incitando nossos desejos para que estejam em sintonia com a vontade de Deus (Jo 14.16; Rm 8.26,27) [2]
3. **A oração deve ser oferecida com uma atitude apropriada:**
 - a. **com fé, reverência e temor** (Hb 11:6; 12.28). As Escrituras nos ensinam que sem fé é impossível agradar a Deus. Da mesma forma, para que Deus se agrade de nossas orações, Ele também exige que as façamos com reverência e santo temor.
 - b. **com humildade, simplicidade e sinceridade de coração** (Mt 6.5,6). No contexto do culto público, essa questão é fundamental. A oração não deve ser feita com o intuito de impressionar os homens ou de se auto-promover, como faziam os hipócritas citados por Jesus, que gostavam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças para serem vistos dos homens. Nesse sentido, é importante avaliarmos a nossa postura ao orar em público, já que várias atitudes (como alteração no tom de voz e no linguajar, o tempo prolongado da oração e seu uso para fazer vastas exposições bíblicas) podem denotar justamente essa intenção que Jesus condenou nos hipócritas. O que Deus requer de nós, ao orarmos, é que nos acheguemos a Ele com humildade, simplicidade e sinceridade de coração.
 - c. **com entendimento e amor, para a edificação da igreja** (1 Co 14.13-19). Esse é outro tópico muito importante na adoração em comunidade. Para que haja edificação do corpo de Cristo, a oração deve ser feita com entendimento e com

amor, pensando-se na participação e na edificação do próximo. É por isso que recomenda-se que seja feita numa língua conhecida, numa linguagem comum a todos; do contrário, ela cessaria de ser em algum sentido a oração daqueles que deixam de entendê-la. É por esse motivo que nossas orações públicas não são feitas em latim (prática antes muito comum na Igreja Católica Romana) ou em línguas estranhas (1 Co 14.1-33). [2] Todas as partes do culto, além de terem o propósito principal de glorificar a Deus, também cumprem funções específicas de edificação da igreja, e por isso, essas partes precisam ser compreensíveis e inteligíveis a todos.

A MÚSICA NO CULTO

As Escrituras ensinam claramente que o povo de Deus deve não apenas falar, mas cantar suas verdades. [3] Em Ef 5.19 e em Cl 3.16, o apóstolo Paulo reúne os termos “salmos”, “hinos” e “cânticos espirituais” para expressar a ampla gama de expressão musical que o louvor a Deus agradecido e profundamente sincero suscita do Corpo de Cristo. [1]

A função geral da música no culto, assim como a da oração, é glorificar a Deus, mas dentro desse propósito geral apresenta também funções específicas de louvor (Sl 147-150), gratidão (Sl 136.1-3; 139.14), súplicas (Sl 5.1-3; 86.1,6; 142.1-2; 143.1), clamor (Sl 4.1; 141.1), confissão de pecados (Sl 51), confissão de fé (Sl 100.3; Lc 1.67-79; 2.25-32), lamento (Sl 88; 137), invocação de bênção (Sl 80.19; 82.3-4), ensino, instrução e memorização das Escrituras (Sl 1; Cl 3.16). [3]

Para que os cânticos e hinos entoados durante o culto público cumpram tanto o seu propósito vertical, que é honrar a Deus, quanto o horizontal, que é edificar o povo, eles também devem seguir alguns princípios:

1. **Eles devem sempre apresentar conteúdo bíblico e teologicamente correto.** [3] Deus requer fidelidade à Sua Palavra em cada ato do culto público, o que não poderia ser diferente quanto aos hinos e cânticos. Essa é uma das preocupações quanto a muitos cânticos compostos e entoados nas diversas igrejas evangélicas, pelo fato de muitas vezes em nada se diferirem de músicas seculares, outras vezes por conterem sérias falhas teológicas. Uma implicação de Colossenses 3.16 é que, se a palavra de Cristo *não* habitar ricamente em nós à medida que cantamos, então alguma coisa deve mudar na nossa maneira de cantar.
2. **Eles devem ser entoados, sobretudo, com o uso da mente.** Embora a música nos conduza a uma série de emoções possíveis e legítimas, precisamos ter cautela para não

priorizarmos a resposta emocional que advém da música de tal modo que a verdade bíblica seja negligenciada e o uso da mente abolido. Ef 5.18-19 nos ensina que devemos nos encher do Espírito e louvar ao Senhor com hinos e cânticos espirituais. Mas ao fazer um contraste da plenitude do Espírito com a embriaguez com vinho, deixa claro que o Espírito Santo amplia nossas faculdades intelectuais de raciocínio, direção, discernimento, trazendo também ordem e profundidade às nossas emoções e afeições. Assim, os cânticos no culto não devem ser conduzidos pelo emocionalismo, desprovido de uma mente vazia; pelo contrário, nossas emoções expressas nos cânticos são uma resposta à biblicidade e integridade da nossa fé. A plenitude do Espírito não somente esclarece e direciona o crente na verdade, como também o leva a se alegrar e render jubilosos louvores a Deus. [4]

3. **Eles devem nos levar a dar ênfase em Deus, e não nos homens.** Um dos perigos do momento de louvor é que ele se transforme num momento de “show” ou de entretenimento. Quando o foco está na banda que dirige o louvor, ou nas nossas preferências musicais (de ritmo, estilo, intensidade de som, etc), alguma coisa está errada. A honra a Deus deve ser o foco primário da música no culto. E em seguida a edificação da igreja.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Vimos nessa lição que as orações e os cânticos no culto público devem ter como propósito principal a glória de Deus, mas que também devem ser realizados com o cuidado de produzirem edificação para a igreja. Que possamos estar sempre atentos a esses princípios.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Que princípios as orações e os cânticos espirituais devem seguir para que cumpram seus propósitos vertical e horizontal no culto público?
2. Você tem aplicado esses princípios quando ora e canta? Faça uma auto-avaliação.

REFERÊNCIAS:

- [1] **Bíblia de Estudo de Genebra.** São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- [2] **Confissão de Fé de Westminster comentada por A. A. HODGE.** 1ª Ed. Os Puritanos, 1999.
- [3] FRAME, John M. **Em Espírito e em Verdade.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- [4] COSTA, Hermisten M. P. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 7 – O culto cristão e a Reforma Protestante: resgatando os princípios

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: GI 1.6-9

Paulo já observara a instabilidade humana, volúvel diante de outro evangelho diferente do pregado pelos apóstolos e profetas. Com isto eles pervertiam o evangelho da Graça de Cristo acrescentando a lei e transformando-a em um favor adquirido e merecido. Precisamos, como igreja, estarmos atentos para não nos desviarmos para outro evangelho que agrada aos olhos, mas não agrada a Deus.



INTRODUÇÃO

Um lema dos reformadores era: Igreja reformada sempre se reformando. Este lema, ao contrário do que muitos pensam, não significa que a igreja deve estar inovando o tempo todo. A reforma significa retornar ao princípio, ou seja, aos padrões da igreja primitiva. Daí que a prática, o culto, a vida dos reformadores sempre foi na direção da simplicidade. Este lema nós devemos manter e visualizar na igreja primitiva a nossa referência e também na igreja deste período da Reforma que tanto procurou voltar ao princípio.

IDEIA CENTRAL

Os ensinamentos obtidos através da vasta literatura reformada são de muita relevância para a igreja atual que se desviou muito destes princípios e conseqüentemente dos ensinamentos bíblicos para a adoração cristã. O ensino de Calvino teve influência em Genebra, em toda a Europa e nos Estados Unidos e por consequência afetando todo o mundo. O seu ensino tem uma perspectiva teocêntrica, alicerçado na Palavra e para a glória de Deus.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Quais os princípios da adoração durante o período da Reforma protestante.
- Ser: Um crente comprometido com a adoração que agrada a Deus.
- Agir: Extrair os melhores ensinamentos dos reformadores para aplicação no culto público da igreja contemporânea.

1) UM POUCO DA HISTÓRIA

A Reforma se deu em um período quando a igreja romana vivia dias difíceis, no início do século 16. O terreno estava preparado para a Reforma. Havia uma ansiedade moral e ansiedades da culpa e condenação. A Reforma veio trazer um ensino de confiança a despeito de todas as adversidades através de um retorno às Escrituras com uma abordagem teológica e prática aprofundada.

Calvino, um dos reformadores mais expoentes, se preparava para ir a Estrasburgo onde deveria chegar em 1536, mas a estrada estava impedida pela guerra. Ele desvia o seu caminho por Genebra, onde planejava passar uma noite. No entanto, ele teve um encontro dramático com o pastor Guilherme Farel, que o persuadiu a ficar em Genebra, após intensa e dramática argumentação de Farel. Em 1538 os dois foram exilados de Genebra após grandes dificuldades pela imposição de Calvino às reformas. Este passou de 1538 a 1541 em Estrasburgo, onde ele prepara um material teológico profundo e reconhecido até hoje, sendo denominado como o “exegeta da Reforma”.

Calvino retorna a Genebra em 1541, novamente por interferência de Farel, e permanece ali o restante de sua vida (1564). Durante este período ele implanta na igreja de Genebra um modelo que transformou aquela cidade e deixou profundas marcas em uma civilização inteira, marcas essas que se espalharam tanto por onde a fé reformada achava abrigo quanto nos locais onde era rejeitada. Genebra se tornou o ponto central para treinamento e expansão da reforma calvinista na Europa. Os impactos resultantes de seu dedicado esforço em Genebra espalhou-se por quase todo ocidente, tanto na área política, na área econômica e social e na vida religiosa da cidade de Genebra, especialmente.

2) A ADORAÇÃO CONFORME CALVINO – UMA PERSPECTIVA TEOCÊNTRICA

Calvino tinha uma preocupação muito grande com a adoração e foi quem enfatizou mais enfaticamente durante a Reforma a respeito do ‘Princípio Regulador do Culto’. “Somente à luz de sua Palavra é que podemos orientar nossas mentes sobre o que é correto.... Além disso, como nós não podemos ascender à altura de Deus, devemos lembrar que nós deveríamos buscar na Palavra dele a regra pela qual somos governados... Deus ordenou com deve ser devidamente adorado, e pelo modo como se deve preservar a liberdade espiritual que se refere a Deus.”^[2] “Acontece que o homem costuma ter um alto conceito de si mesmo, achando que o que lhe agrada também é agradável a Deus... Na adoração bíblica declaramos que fomos criados para a glória de Deus. Quando perdemos a dimensão da satisfação de Deus estamos, ainda que implicitamente, declarando que fomos criados para que Deus nos agradasse.”^[2]

Calvino resumiu isto da seguinte maneira: "...A regra que faz a distinção entre o culto puro e o corrompido é de universal aplicação, para que não possamos adotar qualquer recurso que pareça adequar-se a nós mesmos, mas para atentarmos às injunções daquele que é o único ato a prescrevê-las. Portanto, se pretendemos ter a aprovação à nossa adoração, esse estatuto, que ele em todo lugar reitera com o maior rigor, tem que ser cuidadosamente obedecido (...) Deus desaprova todos os modos de culto não sancionados expressamente pela sua Palavra (...) Deus não apenas considera infrutífero, como também abomina totalmente tudo o que por nossa própria conta consideramos ser zelo pelo seu culto"^[2] Calvino propôs um culto simples de modo desprezioso, sem as cerimônias pomposas da Idade Média, que se pareciam feitas para "ofuscar os olhos de Deus".

A visão de Calvino é bastante clara a respeito do culto agradável a Deus. O culto não deveria ser avaliado segundo a nossa visão e que este não é o parâmetro de avaliação, ou seja, ter por base apenas o que nos é agradável. O nosso principal objetivo é buscar incansavelmente o tipo de adoração que agrada a Deus. Ele não quer meras cerimônias dos seus adoradores, mas sinceridade de coração, com a fé e santidade de vida. "Desse modo, conforme a perspectiva de Calvino, a pompa artificial de uma cerimônia religiosa serve apenas para nos enganar."^[2] Culto não pode ser confundido com emoção. Muitas vezes o pensamento é: eu me emociono, por isto entendo, mas é exatamente o contrário. Quando Deus nos fala por intermédio de Sua Palavra, nós respondemos com fé, inteligência e emoção.

Quanto ao sacramento da Santa Ceia, aconteceram algumas divergências entre os principais reformadores o seu significado preciso. "A compreensão bíblica de Calvino a respeito da ceia envolve uma síntese do pensamento de Lutero e de Zuínglio, conseguindo combinar de forma adequada o 'espiritualismo' de Zuínglio com o 'realismo' de Lutero sem, contudo, limitar-se à perspectiva de ambos."^[2]

Quanto aos cânticos estes se tornaram referência entre os protestantes. O cântico congregacional tornou-se uma parte importante na liturgia de Calvino que optou pelo cântico de Salmos, entendendo que somente a Palavra de Deus era digna de ser cantada. Os cânticos eram sem acompanhamento instrumental. Havia uma preocupação muito grande para que a beleza da melodia viesse ofuscar a mensagem da letra dos cânticos. "Contudo, impõe-se diligentemente guardar que não estejam os ouvidos mais atentos à melodia que a mente ao sentido espiritual das palavras."^[2] Calvino elaborou o que ficou conhecido como "Saltério de Genebra" que se tornou um grande sucesso editorial.

Calvino entendia que algumas práticas do AT faziam parte da infância espiritual do povo; entre elas, inclui o uso de instrumentos no culto: "Os levitas, sob a lei, eram justificados ao fazer uso de música instrumental no culto divino... Seu intuito era treinar seu povo, enquanto eram ainda imaturos e semelhantes a crianças, necessitando de tais rudimentos,

até a vinda de Cristo. Mas então, quando a lídima luz do evangelho já dissipou as sombras da lei, e já nos ensinou que Deus deve ser servido numa forma mais simples, estaremos agindo como tolos e equivocados imitando aquilo que o profeta ordenou somente aos de seu próprio tempo... Não como se fossem em si mesmos necessários, mas só eram úteis como um auxílio elementar ao povo de Deus nos tempos antigos... Cristo já se manifestou, e a igreja já alcançou plena maturidade.”^[2]

3) A ORIGEM, AUTORIDADE E SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS

Um dos pontos mais relevantes do movimento reformado foi a restauração das Escrituras como Palavra de Deus única, infalível e nossa regra de fé e prática. “A inspiração e inerrância bíblica são verdades fundamentais da fé cristã, das quais depende toda a nossa formulação teológica. Lutero e Melancton se depararam com um grande problema quando por volta de 1520 surgiu, na cidade alemã de Zwickau, um grupo de homens iluminados, que alegava ter revelações especiais vindas diretamente de Deus. Desprezavam a Bíblia entendendo que a mensagem vinha diretamente do Espírito a eles.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

A Reforma veio trazer luz a este mundo através do resgate da Palavra de Deus como norteadora absoluta da nossa fé e da prática da vida cristã, em resgatar a centralidade em Cristo como propósito de todas as coisas, a Graça misericordiosa de Deus que nos alcançou de forma imerecida através da fé somente e tudo isto deve redundar unicamente na glória do Seu nome. Calvino foi um dos reformadores mais expoentes e que uma visão clara do Princípio Regulador do Culto. Buscava uma adoração que resgatava os princípios da igreja primitiva, um culto simples, voltado para a Palavra, prestado conforme a vontade e orientação de Deus e para a Sua glória.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Cite alguns motivos para que a cidade de Genebra tivesse uma transformação tão grande por influência do ensino e pastoreio de Calvino.
2. Quais as conseqüências práticas se adotarmos os princípios reformados para o culto como: “O culto não deveria ser avaliado segundo a nossa visão e que este não é o parâmetro de avaliação, ou seja, ter por base apenas o que nos é agradável.”?
3. Comente o que você pensa da adoração conforme Calvino.

REFERÊNCIAS:

[1] **A Confissão de Fé de Westminster**. Cultura Cristã, 2003.

[2] COSTA, Hermisten M. P. **Princípios Bíblicos de Adoração Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 8 – Movimentos e modismos nos cultos evangélicos

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: At 20.29,30; 1 Tm 4.1-5; 2 Tm 3.1-5; 4.1-5

Estes textos apresentam o perigo que as igrejas passam de serem atacadas pelo inimigo se utilizando de pessoas dissimuladas sem o compromisso com o Senhor Jesus. Particularmente, nos últimos dias isto ocorrerá com muito mais intensidade. Nós estamos vivendo os últimos dias e temos presenciado os ventos de doutrinas soprando como um furacão e atingindo muitas igrejas.



INTRODUÇÃO

Aprendemos neste trimestre a importância do culto, que Deus se preocupa com isto e nos orienta na forma como devemos adorá-Lo. No entanto, cada vez mais estamos presenciando igrejas descomprometidas com o ensino da Palavra e criando aberrações e imaginações humanas no momento da adoração cristã. O motivo para isto é que muitos princípios da verdadeira adoração foram abandonados, a Palavra deixou de ser a referência, a centralidade do culto mudou de Deus para o homem, a busca do prazer e do entretenimento se tornou a tônica principal. A partir daí surgem as mais diversas variações e presenciamos uma época de total desequilíbrio nesta área. Se por um lado, alguns inserem práticas extravagantes no culto sem respaldo bíblico, outros no afã de se protegerem contra estes, pendem para outro lado, com um rigor extremado. O nosso objetivo é manter o equilíbrio entre estas forças, não permitindo que entre elementos estranhos no culto fora da orientação bíblica, mas agindo com discernimento em relação às circunstâncias particulares que podem diferenciar uma igreja de outra.

IDEIA CENTRAL

A igreja está sendo atacada com uma infinidade de erros doutrinários, tornando premente que a igreja tenha a orientação de Deus e julgue com sabedoria e discernimento espiritual.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Por quais meios o inimigo tem atacado a igreja e o culto.
- Ser: Um crente atento aos movimentos modernos e tenha discernimento espiritual.
- Agir: Ter uma visão elevada de Deus, de Sua Palavra e do Evangelho em defesa da fé.

OS LIBERAIS, NEOLIBERAIS E NEO-ORTODOXOS

O liberalismo foi um movimento do final do século XIX atingindo fortemente o século XX, destruindo com as igrejas européias. Influenciado pelo Iluminismo o racionalismo desejava submeter todas as coisas ao crivo da análise racional. Lentamente a razão humana começou a triunfar sobre a fé. A confiança na Bíblia foi muito abalada. Dentro da igreja surgiu um movimento chamado liberalismo que tinha uma perspectiva elevada do homem e uma esperança de manter a religião, mas sem crer que os eventos relatados na Bíblia foram verídicos. Mas isto não importava. O que importava era o efeito que os ensinamentos bíblicos provocavam no ser humano. A consequência foi inevitável. A fé ruiu ao ponto de quase morrer na Europa. Com a queda do racionalismo, o liberalismo também sofreu um descrédito. Como movimento acadêmico, teológico e filosófico, o liberalismo de fato já terminou historicamente. Mas as idéias do liberalismo teológico continuam presentes e sendo defendidas em sala de aula por pastores, professores e teólogos.

Os neoliberais são sucessores do liberalismo. O grande problema é que eles estão camuflados nas igrejas, nos seminários, nas faculdades teológicas. Eles não são tão enfáticos e claros como os liberais, mas apresentam um posicionamento dúbio, ambíguo, de incerteza, de mornidão. Perguntam sem nunca concluir, abrem sem nunca fechar, levando os ouvintes ou leitores a caminharem em círculos para não chegar a lugar algum. Isto é consequência do relativismo moderno que leva necessariamente a uma incredulidade no púlpito.

A neo-ortodoxia tem sua origem em Karl Barth (1886-1968). Este renomado teólogo lutou fortemente contra o liberalismo que dominava a igreja quando a confiança na Bíblia foi muito abalada. “Ele atacou o subjetivismo da religiosidade liberal... porque se apoiava nas experiências e emoções humanas e não a verdade de Deus. Barth criticou a rendição da igreja à psicologia e exigiu que ela se curvasse somente diante da absoluta autoridade da Bíblia. Não poupou críticas virulentas contra os críticos da Bíblia, especialmente por terem destruído sua autoridade e sua relevância para as pessoas de sua época, privando a Igreja de uma mensagem autoritativa.”^[1] Barth tinha uma pregação fervorosa sobre os temas fundamentais do pensamento reformado. “Contudo, como ficaria claro posteriormente, a neo-ortodoxia, na verdade, era uma tentativa de síntese entre a ortodoxia da igreja e o liberalismo teológico, e sem dúvida alguma, nessa síntese, o liberalismo perdeu sua força. Mas, não só ele - a ortodoxia também já não seria a mesma.^[1] A neo-ortodoxia usa termos, expressões e linguagem ortodoxos, quando se refere à Bíblia, mas lhes atribui um sentido diferente. Em três pontos isto ocorre claramente:

- 1) A neo-ortodoxia conservou a crítica destrutiva à Bíblia presente no liberalismo teológico. Para ela a Bíblia está cheia de erros e contradições, mas Deus fala, mesmo assim, através dela.
- 2) A neo-ortodoxia faz a separação entre a Palavra de Deus e Escritura. Para Barth a Bíblia é uma testemunha da Palavra de Deus, que é Jesus Cristo, e não deve ser confundida com essa Palavra.
- 3) A neo-ortodoxia considera irrelevante para a fé a veracidade dos relatos bíblicos.

A consequência destes movimentos para o culto cristão é enorme. Uma palavra que os caracteriza é a pluralidade que abre brecha para os mais variados tipos de pensamentos, negando toda unidade, igualdade, harmonia e coerência nas idéias nas pessoas, nas culturas. Eles pretendem

desconstruir tudo o que é absoluto, conceitos, idéias e princípios que sejam válidos em qualquer lugar e a qualquer tempo. Está em jogo aqui o grande princípio reformado: *Sola Scriptura*.

OS LIBERTINOS

“Estes mencionam a liberdade cristã, liberdade de consciência e a liberdade da lei, só que querem também ser livres de Deus e do próximo.”^[1] Eles são presentes em toda a história.

- 1) Estão presentes na igreja dissimulando suas crenças e práticas;
- 2) São pessoas ímpias, sem o temor a Deus. Sua doutrina alega que a graça de Cristo torna tudo lícito ao cristão, inclusive a prática da imoralidade;
- 3) Na verdade, negam a Jesus;
- 4) Não se guiam pelas Escrituras, mas pela sua mente carnal.

“Defendem o sexo antes do casamento, a multiplicidade de parceiros, as relações homossexuais, a troca de esposas e maridos, a pornografia, as aventuras amorosas fora do casamento, o consumo exagerado de bebidas alcoólicas, a participação dos cristãos nas diversões mundanas e a absorção dos valores desse mundo no vestir, trajar, viver e andar.”^[1] Com isto o casamento está sendo destruído. Os jovens não levando a sério a questão da abstinência antes do casamento, jovens que carregam consigo o preservativo à semelhança da prática do mundo. Deus não tolera iniquidade associada ao ajuntamento solene.

OS NEOPENTECOSTAIS

A partir de meados do século XX deu-se início a uma nova fase do movimento pentecostal. Surgiu no meio das igrejas históricas e entre os católicos o movimento neo-pentecostal. Várias igrejas surgiram a partir desta época provenientes das igrejas históricas. Eles asseveravam crítica vigorosa das suas próprias igrejas, da sua irrelevância, do seu institucionalismo e da sua morte espiritual. Apelando especialmente a pastores protestantes sobrecarregados e aos leigos católicos, o movimento neo-pentecostal tem prometido uma saída. Elas são focadas na questão das bênçãos e da prosperidade, na oferta de saúde e avanço financeiro em troca de sacrifícios, são sincretistas, práticas que vêm da religiosidade popular. Reutilizam os títulos de apóstolos que exercem um forte poder sobre suas igrejas. Não tem controle da sua membresia, o seu ensino teológico é deficitário e, normalmente não têm escola dominical como método de ensino para a igreja.

No que concerne ao culto, o impacto deste movimento é muito grande, particularmente em relação a um culto simples, espiritual, teocêntrico e equilibrado. Um ponto de divergência está na compreensão clara do que significa avivamento. Esta palavra tem sido muito utilizada neste meio. Estamos orando por um avivamento. A igreja passou por grandes avivamentos que influenciaram fortemente a sua vida. No entanto, é preciso compreender claramente o que é avivamento e suas conseqüências. O avivamento produz nos crentes uma profunda sede por Deus, em conhecê-Lo e agradá-Lo. Uma conseqüência do avivamento é uma vida de santidade, pureza, arrependimento, quebrantamento, convicção e mortificação do pecado, temor ao Senhor, ética e moralidade. O verdadeiro “avivamento traz coragem e ousadia para que os cristãos assumam sua postura de crentes e posição firme contra o erro. Ele desperta os corações dos crentes e os enche de amor

pelos perdidos.”^[1] Se não houver a manifestação do Fruto do Espírito não podemos chamar de avivamento. Em nossos dias esta palavra está associada a manifestações externas e a chamada liberdade litúrgica. Para o neopentecostalismo, avivamento é sinônimo de louvor, dançar no Espírito, ministração de louvor, show gospel, cair no Espírito, suspiros, gemidos, sussurros, lágrimas, olhos fechados e mãos levantadas ao alto, etc. A formatação do culto mudou muito nos últimos tempos motivados por movimentos deste tipo, muitas vezes desassociado do verdadeiro arrependimento, quebrantamento, convicção de pecado, mudança de vida e santidade.

OS NEOPURITANOS

O puritanismo foi um movimento especialmente na Inglaterra e Estados Unidos entre os séculos XVI e XVIII que desejava maior pureza dentro da igreja, no estado e sociedade. Queriam que a Reforma fosse completa. Os puritanos escreveram e produziram muito material didático e foram responsáveis pela famosa Confissão de Fé de Westminster, além de dois catecismos e um diretório para culto. Este foi um movimento muito importante na história da igreja e influenciou um grande número dos mais conceituados escritores, pastores e exegetas. Nos últimos dias tem havido um interesse crescente pela teologia puritana, sua piedade, devoção e espiritualidade.

O termo neopuritano tem sido usado no Brasil nos círculos evangélicos para designar os adeptos da teologia puritana que passaram a usar determinadas doutrinas e práticas como identificadores dos verdadeiros reformados. Entre eles estão o cântico exclusivo de salmos sem instrumentos musicais no culto, a não utilização de corais, grupos e solos, mas apenas canto congregacional, a proibição das mulheres orarem no culto, além de outros. A IPB refutou estes ensinamentos como práticas a serem utilizadas pela igreja. É certo que houve divergências entre os puritanos nestes pontos e é imprudente se estabelecer regras rígidas como estabelecidas pelos neo-puritanos para a igreja atual. Augustus Nicodemus afirma: “Não creio que caiba, na realidade multicultural brasileira do século XXI, o transplante do puritanismo da Escócia e da Inglaterra dos séculos XVI e XVII com todos os seus detalhes, alguns com um contexto histórico muito marcante.”^[1] Nesta disputa vemos muita intolerância, debates acalorados e igrejas sofrendo com isto. Precisamos aprender a viver em comunhão sem colocar estes pontos menos centrais em destaque e nos concentrarmos naquilo que é essencial no ensino puritano e bíblico.

OS JUDAIZANTES

Este é um movimento querendo trazer o VT para a igreja atual. Há evangélicos que fazem a circuncisão e se tornam prosélitos e passam a frequentar cultos das igrejas messiânicas que deveriam ser só de judeus. Algumas igrejas trazendo práticas e instrumentos dos judeus como se isto fosse mais espiritual como: Candelabro de Israel, tocando shofar, procissões com uma cópia da arca da aliança, óleo de Israel, água do rio Jordão, terra santa, areia santa, água santa, sal santo, folha de oliveira santa, oração no alto do monte sinal, guarda do sábado, guarda das festas de Israel, escrevem D’us em vez de Deus, grupos de louvor se intitulando “levitas do Senhor”. Vemos uma infiltração de costumes rabinos e judaicos. A supervalorização da interpretação da bíblia por um rabino. Será que eles são melhores que nossos apóstolos?

A MÚSICA NA ADORAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Já abordamos este assunto nas lições anteriores. O objetivo aqui é fazermos uma avaliação da música evangélica contemporânea. A referência [2] apresenta um capítulo onde aborda esta questão e mostra a diferença entre os hinos, as canções gospel e os cânticos de louvor. Praticamente todos os hinos clássicos foram escritos antes do século XX. O pai da música gospel é Ira Sankey, que acompanha Moody em suas campanhas. Canções gospel eram cânticos geralmente mais leves em conteúdo doutrinário, estrofes curtas, seguidas de um refrão, um coro ou uma frase conclusiva, repetida após cada estrofe. Elas eram mais evangelísticas do que os hinos. “A diferença fundamental é que a maioria das canções gospel eram expressões de testemunho pessoal que tinham como alvo um auditório, enquanto a maioria dos hinos clássicos são canções de louvor direcionadas diretamente a Deus... De modo geral, o surgimento da música gospel no louvor congregacional sinalizou uma ênfase decrescente na verdade doutrinária objetiva e um aumento das experiências pessoais subjetivas”^[2] No final do século XX entramos na era dos cânticos de louvor, como uma forma de expressões pessoal de louvor. Enquanto os hinos procuram sempre apresentar verdades doutrinárias em suas diversas estrofes, um cântico de louvor é mais curto, com o uso liberal da repetição.

Estas três formas de adoração podem muito bem ter seu uso na adoração da igreja cristã, desde que com a utilização do melhor que se tem em cada um deles. Existem lindos cânticos de louvor que expressam grandes verdades de Deus, bem como o motivo evangelístico e testemunhal das canções gospel do passado. No entanto, o que se observa é a morte e sepultamento dos hinos nas diversas comunidades evangélicas e com isto perdendo o rico e imenso tesouro de hinos clássicos com o seu ensino doutrinário didático com o uso racional da mente. Nathan Busenitz propôs uma lista de dez perguntas para avaliar a música na igreja^[2]:

- 1) A música da sua igreja é centralizada em Deus?
- 2) A música da sua igreja promove uma visão elevada de Deus?
- 3) A música da sua igreja é realizada com ordem?
- 4) O conteúdo da música de sua igreja é biblicamente saudável?
- 5) A música da sua igreja promove a unidade da congregação?
- 6) A música da sua igreja é executada com excelência?
- 7) A música da sua igreja prepara o povo para a pregação da Palavra de Deus?
- 8) A música da sua igreja adorna o evangelho de Jesus Cristo?
- 9) A música da sua igreja promove adoração fervorosa?
- 10) A filosofia da música de sua igreja está fundamentada em princípios bíblicos?

UM CHAMADO AO DISCERNIMENTO

Estamos vivendo em uma época, mais do que qualquer outra da história, onde os ventos de doutrinas estão solapando as bases de verdades bíblicas e apresentando um outro evangelho. A referência [3] apresenta as diversas crises por que passa a igreja atual: Crise de autoridade, crise doutrinária, crise moral, crise de plausibilidade, crise de memorização bíblica, crise intelectual,

crise de caráter, crise de graça, crise de solenidade e reverência, crise comunitária. Daí, um chamado ao discernimento é tão importante e essencial na vida da igreja atual.

O exemplo de Jonathan Edwards apresentado na referência [2] no seu capítulo 11 é muito rico em nos mostrar o seu posicionamento doutrinário firme, a despeito das conseqüências para o seu ministério e carreira. O mais ilustre teólogo americano foi demitido da sua igreja, após vinte e três anos de ministério pastoral, por corrigir um erro doutrinário na igreja relacionado à Ceia do Senhor. O avô de Edwards, antigo pastor da igreja, havia instituído a Aliança do Meio-Caminho (*Halfway Covenant*), onde pessoas de bom comportamento, mesmo que não tivessem sido batizadas e fizessem parte oficialmente da igreja, poderiam participar da ceia. Edwards interrompeu este costume, o que lhe custou o pastorado e carreira ministerial nesta igreja.

Quando nos deparamos com esta questão do discernimento em uma época tão controvertida como a nossa, precisamos nos concentrar no essencial para não nos perdermos em devaneios. Existem três doutrinas básicas que precisamos focar:

1) **Uma visão elevada da Palavra de Deus.**

2) **Uma visão elevada de Deus.**

3) **Uma visão elevada do Evangelho.**

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

A falta de uma visão elevada de Deus, de Sua Palavra e do Seu Evangelho tem levado muitos a serem levados por ventos de doutrinas que solapa a sociedade moderna atingindo a igreja. Movimentos e modismos nos cultos evangélicos são demonstrações visíveis das influências destas doutrinas erradas que invadem a igreja, seja na linha dos liberais e neoliberais com o menosprezo para com a Palavra de Deus, os libertinos com o desprezo para com a santidade, os neopentecostais com a sua teologia da prosperidade, os neopuritanos com o seu rigor extremado, os judaizantes com uma idolatria a elementos do Velho Testamento, tudo isto atingindo a adoração cristã. É urgente um chamado ao discernimento espiritual.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Qual dos movimentos estudados nesta lição mais preocupa você?
2. Como conciliar as diferenças entre as gerações na questão musical?
3. Quais as três doutrinas básicas apontadas nesta lição em defesa ao discernimento?

REFERÊNCIAS:

- [1] LOPES, Augustus Nicodemus. **O Que Estão Fazendo com a Igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- [2] MacArthur, John. **Ouro de Tolo?** Discernindo a Verdade em uma Época de Erro. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.
- [3] Amorese, Rubem. **Icabode**: Da mente de Cristo à Consciência Moderna. Viçosa: Editora Ultimato, 2002.

TEOLOGIA & PRÁTICA DE CULTO

As crenças e o jeito presbiteriano de adoração

Lição 9 – Conclusão – aplicação da correta teologia em sua prática de culto

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Cecília Finotti Nishikawa Almeida

BASE BÍBLICA CENTRAL: MI 1.6-10

O profeta Malaquias traz uma severa repreensão de Deus para os sacerdotes que falhavam em orientar o povo em como apresentar a Deus sacrifícios conforme Ele prescrevera. O descaso na adoração era acentuado, o povo estava desestimulado e com isto apresentava um culto sem obediência, sem amor, sem alegria, o que lhes dava enfado e canseira.



INTRODUÇÃO

Malaquias surgiu 100 anos depois do povo ter voltado à terra prometida. Não havia a mesma glória, a restauração da posse da terra não era completa, o templo era mais simples e só ficou pronto quatrocentos anos mais tarde com Herodes. Isto tudo levou o povo a se preocupar com seus próprios interesses e a desprezarem o culto a Deus. Os próprios sacerdotes não desempenhavam suas tarefas como deviam. Os sacerdotes não demonstravam amor nem respeito a Deus (1.6). O culto que o povo oferecia, na época de Malaquias, apresentava sinais de decadência.

IDEIA CENTRAL

Quando não oferecemos a Deus um culto conforme Ele mesmo prescreveu, sem honra, temor e a alegria redundante daí, quando falta o amor genuíno e sincero, quando não oferecemos o melhor, Deus rejeita o nosso culto e nos traz severas admoestações o que deve nos conscientizar a ofertar as primícias, o melhor que possuímos com zelo e temor motivados por um amor profundo e nos deleitarmos e alegrarmos Nele.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Porque o culto na época de Malaquias era reprovável e como Deus exige de nós o melhor, com honra, temor, obediência e amor.
- Ser: Um crente que honra, teme e obedece a Deus, fazendo a obra do Senhor com zelo, cheio de amor e alegria verdadeira.
- Agir: Oferecer um culto aceitável, desfrutando com alegria e se deleitando da glória e presença de Deus.

O SENHOR REPROVA OS SACERDOTES

I. Uma liderança decadente – v. 6-7

Os sacerdotes deveriam liderar o povo na adoração correta a Deus, mas estavam fazendo exatamente o contrário. Faltava honra e temor ao nome de Deus. A honra porque Ele é pai, o temor porque Ele é senhor. Deus tem zelo pelo seu nome, sua glória e sua reputação. Ele não aceita dividir a sua glória (Is 42.8). Uma liderança que não anda na presença de Deus é mais maldição do que benção.

Deus acusa os sacerdotes de desprezarem o Seu nome e eles questionam: Em que desprezamos o Seu nome? Parece que eles não percebem o mal que praticavam e sua gravidade. Mais do que ignorância na verdade era uma pergunta cínica. O culto não estava de acordo com o que Deus prescrevera e também demonstravam uma atitude de tédio, estavam enfadados, desprezavam a mesa do Senhor. A pergunta dos sacerdotes indicava uma insubordinação. Eles não aceitavam a repreensão divina. Existem dois motivos porque Deus não aceita o culto. (1º) Não está dentro do padrão estabelecido por Ele (Dt 15.21) e (2º) é prestado com atitude de desprezo.

II. Quando se oferece a Deus o resto e não as primícias – v. 8,9,13,14

A vida do adorador precisa vir antes da oferta, mas esta, muitas vezes, revela a vida do ofertante. Pecamos contra Deus pela maneira como o cultuamos: irreverência, superficialidade, leviandade. Se Deus não aceitar nossa vida, ele também não aceitará nossa oferta. O culto em espírito e em verdade é aquele oferecido de todo o coração, com sinceridade, com zelo, com amor, com alegria, com deleite. Deus não aceita nada menos que o melhor. Eles estavam oferecendo o pior, o resto, o imprestável. Esses sacrifícios eram um tipo do sacrifício perfeito de Cristo (Jo1:29; 1 Pe 1:18-21). Eles retribuía o amor de Deus com descaso! Deus não pode ser enganado pelos adoradores.

Eles não tinham coragem de ofertar ao governador o que eles ofertavam a Deus. Isto mostra que eles tinham mais respeito às autoridades políticas do que ao Senhor dos Exércitos. Muitas vezes fazemos isto no falar, no vestir, no agir, na postura. Além disso, eles desprezavam o culto divino sentindo cansaço, enfado e falta de alegria. A responsabilidade da liderança, dos pastores em ter o zelo nestas coisas é muito grande.

III. Quando se oferece a Deus um culto inútil – v. 10

É espantoso o que Deus diz no verso 10. “Eu não tenho prazer em vós, diz o SENHOR dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oferta.” Tomara houvesse entre vós quem feche as portas. Deus está dizendo que é melhor eles irem para casa do que oferecer um culto assim. Isto mostra a seriedade de Deus para com o culto, o seu zelo. Deus prefere a igreja fechada a um culto hipócrita, adoradores negligentes e falsos. Quando Deus não tem prazer no ofertante, ele não aceita a oferta.

3) A PAIXÃO DE DEUS POR SUA GLÓRIA

Existe um ponto de extrema importância para os adoradores e que está ligado a tudo o que foi estudado acima: A motivação que nos leva a adorar. Qual é o nosso propósito último? Isto nos lembra da primeira pergunta do Breve Catecismo: Qual é o fim principal do homem? Resp: O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre. Ou em outras palavras, glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre. Ou ainda como propõe a paráfrase de John Piper^[3], glorificar a Deus ao desfrutá-lo para sempre. Os reformadores apresentaram os cinco pilares do Evangelho da Graça onde o último diz: “*Soli Del Glória*”, ou a glória deve ser dada somente a Deus. Este ponto é muito profundo e tem implicações muito fortes na vida do crente.

A frase que John Piper^[3] repete em todos os seus livros e aprofunda nas suas abordagens vem da influência que ele recebeu dos ensinamentos de Jonathan Edwards: “Deus é plenamente glorificado em nós quando nos satisfazemos inteiramente nele”. Os livros de Piper falam repetidamente da alegria e que esta deve ser buscada intensamente por todo crente. Neste ponto é preciso entender o que é a verdadeira alegria.

“Em outras palavras, a busca pela satisfação da nossa alma – da nossa alegria, do nosso deleite e da nossa felicidade – não é pecado. O pecado consiste justamente no contrário: buscar a alegria onde não se pode encontrar qualquer alegria duradoura. (Jr 2.13)”^[3] Para caminharmos na direção da busca da verdadeira alegria existem dois aspectos que sempre andam juntos. Primeiro precisamos **conhecer** o Deus que buscamos em todas as suas implicações e em segundo lugar precisamos **amar** a glória Dele. Doutrinas precisam ser compreendidas e a glória precisa ser experimentada. “A mente corresponde ao entendimento da verdade dos atributos perfeitos de Deus. A paixão corresponde ao prazer na excelência e na beleza desses atributos. Deus é glorificado tanto ao ser compreendido quanto ao ser desfrutado.”^[3] Em Rm 11.33-36 o apóstolo Paulo após apresentar a doutrina de Deus e Seu plano soberano fica perplexo diante de tanta maravilha. São os dois aspectos vivenciados por Paulo aqui: Conhecimento de Deus e em Sua doutrina e deleite Nele.

A nossa verdadeira alegria está em Deus e nós somos pequenos e míopes quando procuramos a alegria fora de Dele. Alguém poderia fazer a coisa mais virtuosa possível, mas não estiver em Deus não tem valor. “Deleitar-se no bem de todo o universo, mas não se deleitar em Deus, é como se alegrar ao ver uma vela ser acesa, mas permanecer indiferente diante do nascer do Sol. Se não tivermos Deus como o nosso maior prazer, seremos (de modo bastante literal) infinitamente limitados.”^[3] Veja I Co 13.3.

Qual o efeito desta percepção no nosso culto? Estamos procurando o Deus das bênçãos ou as bênçãos de Deus? Estamos ali por causa da beleza da Sua glória, propriamente dita, ou por causa dos benefícios que Ele oferece? O culto precisa ser um momento de contemplação. É preciso ver a glória de Deus e se deleitar nela.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

1. Precisamos reconhecer a grandeza de Deus, Sua majestade e glória e honrá-Lo por tudo o que Ele é, com honra e temor. Precisamos ter esta visão da glória de Deus com clareza.
2. Precisamos aprender a nos alegrar no Senhor e reconhecer que quanto mais nos regozijamos Nele, nos deleitamos na Sua beleza e majestade, mais Ele é glorificado.
3. Deus espera ser honrado pelo seu povo pelo seu amor. Ele reconhece as nossas mais profundas intenções e o que guardamos no recôndito do coração. Se não houver amor, todas as outras coisas perdem completamente o valor (1Co 13).
4. “Hoje já não trazemos mais animais como oferta de gratidão a Deus ou oferta pelo pecado. Porém, trazemos a Deus nosso louvor, nossa presença, nosso coração. Trazemos nossas ofertas, oferecemos a ele nossos talentos. O princípio é o mesmo. Deus continua a querer o melhor de nós; as nossas primícias. Ele não vai aceitar nada que seja inferior, pois o culto a Deus é expressão da lealdade, da devoção que temos para com ele.”^[2]

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Faça uma avaliação séria do culto que você tem prestado a Deus.
2. Em que sentido os preceitos e orientações da Malaquias vale para a igreja atual?
3. Discuta o efeito no culto quando o crente compreende e vive o “*Soli Del Glória*”.

REFERÊNCIAS:

- [1] LOPES, Hernandes Dias. **Os grandes perigos em relação ao culto.** <http://hernandesdiaslopes.com.br/2013/06/os-grandes-perigos-em-relacao-ao-culto/#.VJ-JIAf0B>
- [2] LOPES, Augustus Nicodemus. **O Culto Segundo Deus.** 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- [3] PIPER, John. **A Paixão de Deus por Sua Glória.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

